

Camila Zorzan Horta e Silva

Elementos de sentido da educação familiar e  
escolar: estudo sobre um grupo de pais da  
Vila Brasilândia

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo  
2010

Camila Zorzan Horta e Silva

Elementos de sentido da educação familiar e  
escolar: estudo sobre um grupo de pais da  
Vila Brasilândia

Trabalho de conclusão de curso  
como exigência parcial para a  
graduação no curso de Psicologia,  
sob orientação da Profa. Dra Maria  
da Graça Marchina Gonçalves

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo  
2010

*Para as duas pessoas que mais me ensinaram  
sobre educação: minha mãe, Wanessa Zorzan  
e Professora Tereza Maria de Azevedo Pires  
Sério, querida Téia (em memória).*

## Agradecimentos

Às cuidadoras (mães, avós e tias) que participaram do Grupo e que se propuseram a repensar suas práticas.

À Profª Drª Maria da Graça Marchina Gonçalves, pela orientação, paciência, pelas boas idéias tanto na condução do grupo como em sua análise e pela cuidadosa revisão do trabalho.

A minha parecerista, Profª Drª Wanda Maria Junqueira de Aguiar, por aceitar prontamente e com entusiasmo o convite.

Ao Moraes, assistente social do projeto, que acreditou no meu trabalho, me concedendo espaço e auxílio no grupo.

À minha Família, por estar sempre por perto, principalmente à minha mãe e irmã que me acompanham dia-a-dia, enaltecendo minhas conquistas. E por, sem dúvidas, me proporcionarem muitos aprendizados sobre educação familiar.

Ao meu pai, por investir no meu futuro.

À Penélope e a Wendy, pelo companheirismo e pelos passeios.

Ao Daniel C., pelas discussões incansáveis, pelo carinho, pela ajuda com idéias e revisão do texto.

À Victória A., pelos cafés, desabafos, reforços e mais do que isso, por dividir comigo a grande responsabilidade de mudar o mundo através da educação.

À Adélia Z. e ao Dú M., por me emprestarem os fones, pelos deliciosos jantares, pelo grupo de estudos, e por me concederem a grande honra de ser Madrinha.

À Manoela M. e Gabrielle F., por compartilharem entusiasmos educacionais e futuramente nossa Consultoria.

Ao Caio J., por sua eterna tranquilidade e doçura, e pelo auxiliou nas transcrições.

À todos os meus amigos, principalmente: Denise Y., Ana Carolina A., Fafá S., Gabriel C., Letícia L., Bárbara A., Taly S., Carol P., Ana Carolina S., Fernanda M. e Alice F. que estão sempre por perto para um café e para discussões intensas.

Às Professoras Dinha, Mônica e Lurdinha que vêm incentivando muito um olhar mais apurado para as práticas educacionais, promovendo deliciosas discussões e aprendizagens.

Ao Marcio, que me apoia muito e me incentiva sempre.

À Marci, que entra agora na coordenação do grupo comigo, trazendo consigo uma imensa sede de aprendizado e mudanças.

Resumo: A pesquisa foi realizada com um grupo de pais coordenado pela pesquisadora no segundo semestre de 2009, em um projeto social situado na Vila Brasilândia. Este grupo teve como objetivo discutir a educação dos filhos, tanto no âmbito familiar como escolar. A partir das falas dos participantes no grupo, foi feita uma investigação acerca dos elementos de sentido- de pais freqüentadores do grupo de cuidadores - sobre a educação familiar e escolar de seus filhos. A coleta de dados foi realizada através da gravação dos seis encontros do grupo. Os resultados apontam para ambivalência entre autoridade e liberdade, permeados pela violência que perpassa diversos ambientes do cotidiano das participantes do grupo.

Palavras chave: ELEMENTOS DE SENTIDOS, PAULO FREIRE, GRUPO DE PAIS, EDUCAÇÃO.

SILVA, Camila Zorzan Horta e. *Elementos de sentido da educação familiar e escolar: estudo sobre um grupo de pais da Vila Brasilândia*. Monografia (Trabalho de conclusão de curso). Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2010

## Sumário

Introdução.....	2
Educação.....	8
Psicologia sócio-histórica.....	15
Interfaces entre Paulo Freire e a psicologia sócio-histórica:.....	17
METODOLOGIA.....	19
RESULTADOS.....	24
Contextualização do mundo/ da realidade:.....	24
Educação Familiar.....	30
Educação Escolar.....	42
DISCUSSÃO.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
BIBILOGRAFIA CONSULTADA.....	65
ANEXOS.....	66
Anexo 1.....	67
Anexo 2.....	69

## Introdução

O presente trabalho surgiu a partir de um estágio em um projeto social desenvolvido na Vila Brasilândia, bairro da região noroeste de São Paulo. Esse projeto conta com o serviço de diversos profissionais, como assistentes sociais, administradores, advogados e psicólogos. O serviço de psicologia começou no final do semestre de 2008 a receber uma demanda muito grande de atendimentos individuais para crianças com queixas de problemas escolares. A partir daí, a equipe de estagiários de psicologia resolveu montar um grupo de cuidadores (pais e avós) que possibilitasse a discussão e reflexão sobre a educação escolar dos filhos, visando favorecer a aproximação da família com a escola.

Com o passar dos encontros do grupo, percebemos que as questões mais trazidas para discussão tratavam de problemas com a educação dentro das famílias das crianças e adolescentes, e nem sempre das questões escolares, como foi primeiramente trazido como causa da solicitação dos atendimentos psicológicos.

A partir desse grupo, realizado com a duração de oito encontros, foi pensado um novo grupo que pudesse acolher os pais que quisessem discutir e refletir sobre a educação familiar e escolar dos filhos. Este grupo ocorreria, então, no semestre seguinte, segundo semestre de 2009 e seriam convidados os mesmos pais que participaram do primeiro grupo e outros pais que solicitassem atendimento psicológico para seus filhos no projeto. O objetivo do grupo foi criar um espaço aberto para que os pais pudessem pensar sobre tipos de práticas educativas e também para que pudessem se identificar com vivências e estratégias usadas por outros pais em situações semelhantes, criando, assim, uma rede de suporte para as demandas desses pais.

Alguns autores falam da importância da abertura de espaços para o trabalho com os pais, como Santos (2006), em sua tese de doutorado que buscava compreender a experiência de educar filhos em comunidades de baixa renda:

“[...] percebemos que esses espaços de conversações ajudam os pais na melhoria da consciência da importância de sua auto-estima ao educarem os filhos, encorajando-os para fazer frente aos desafios impostos pela educação, de forma mais otimista, podendo identificar as possibilidades e limites que se podem fazer presentes nesta experiência, bem como descobrir novos valores, como o diálogo e a comunicação e

suas ressonâncias, as quais, na experiência de educar filhos, se constituem como um aspecto importante a ser considerado realçado nas considerações sobre a dimensão afetiva.”. (Santos, 2006, p. 212)

Desse modo, a partir desses espaços de discussão, é possível trabalhar com os significados e sentidos produzidos nas vivências dos pais sobre a educação escolar e familiar dos filhos.

Mas por que trabalhar os significados e sentidos produzidos pelos pais? O que em minha vivência nestes grupos sublinhou a necessidade de se fazer uma pesquisa sobre os elementos de sentidos produzidos nas vivências das famílias?

Acredito que existam dois motivos. Vou me focar mais detidamente no primeiro motivo para depois caracterizar o segundo. O primeiro é que as falas dos pais demonstram uma ambigüidade nas suas práticas educacionais. Ora se comportam de acordo com papéis familiares tradicionais, fundamentados numa hierarquia rígida de poderes desiguais, concentrados fortemente na figura paterna, como quando batem muito nos filhos; quando pedem a eles, uma obediência irrestrita, esvaziando a possibilidade de diálogo; quando requisitam a presença masculina autoritária para controlar algumas situações; quando se sentem ameaçados pelo ECA, por entenderem que ele tira o poder dos pais. Ora se comportam com valores mais democráticos e igualitários: quando tentam resolver problemas através de diálogos; quando não aprovam a sua própria violência contra os filhos; quando sentem culpa por não conseguirem entender seus filhos e falar “a mesma língua” deles.

Essas ambigüidades geram muita angústia nos pais, pois não se sentem satisfatoriamente amparados por nenhum sistema de valores que rege as famílias, pois estes estão num momento de grandes transformações. Atestam, assim, mudanças históricas ocorridas nas famílias.

A família é uma instituição social que tem o papel de promover a inserção das novas gerações no mundo social; é principalmente através dela que acontece a transmissão das heranças culturais e a socialização primária. Por muito tempo, a família esteve pautada nas tradições burguesas, em que os papéis de pai e mãe eram rigidamente divididos. A mulher seria responsável pelas atividades domésticas, ligadas à criação dos filhos, e os homens seriam responsáveis por prover economicamente a família através do trabalho. Essa organização tradicional das funções parentais

legítima um modelo de família em que há prevalência de formas hierárquicas de poder. (Szymanski, 2000)

Na própria legislação do país, já na Constituição Federal de 1988, começa a aparecer um novo modo de se enxergar a família, que:

“apesar de ainda se privilegiar o modelo de família nuclear, apreendemos que, na atual Constituição, não encontramos apenas a idéia de família constituída pelo casamento, admitindo os direitos e deveres, iguais ao homem e mulher, como a aceitação do casal não legalmente casado com direito à proteção do Estado, enquanto estrutura familiar. Verifica-se portanto que a Constituição Federal de 1988 teve um papel importante perante a conceituação de família( Aquino, 2003), mas ainda há muito que se fazer, pois na prática, defrontamo-nos com organizações familiares estruturalmente diferenciadas”. ( Gasonato, 2007, p.17)

Considerando que as famílias se transformam historicamente dentro de contextos sociais e econômicos, observamos uma grande necessidade de desenvolver pesquisas e apoio aos pais com objetivo de produzir subsídios na educação dos filhos, visto que estes pais têm um papel ativo no processo educacional e socializador, não mais entendido, na atualidade, como meramente “natural”, espontâneo.

O segundo ponto importante, enunciado anteriormente é a escolha dos elementos de sentidos como orientadores do olhar. Ao indagar pelos sentidos, busca-se compreender o que determina pensamentos e ideais das famílias acerca de um tema: a educação. Essas determinações são construídas dentro de um tempo, em um contexto ou época específicos, ou seja, em um tipo de vivência que leva em conta diversos fatores sócioeconômicos e culturais, que constroem tais valores subjetivos (os sentidos). Considera-se aqui importante investigar tais sentidos para se conseguir fazer mais efetivamente um diálogo com tais famílias e eventuais conversas e associações com outras instâncias educativas, como a escola.

Vários autores propõem diferentes maneiras de fazer este apoio para os pais. Muitas vezes elas se encaixam em enquadres clínico-comunitários (Brandão e Costa, 2005). Esta visão abrange, um olhar sobre a família de maneira ampla e constituída dentro de um contexto histórico, social e econômico específicos.

“...Sawaia (2001) considera o sofrimento humano como ético-político, produzido por uma história de desigualdades e injustiças sociais, vivenciado pelo indivíduo, mas que tem origem nas relações intersubjetivas constituídas socialmente. Essa visão contribui para uma releitura do sofrimento, não como característico do indivíduo, mas como produto de processo histórico político, social e econômico de exclusão”.

(Brandão, Costa. 2005)

A comunidade é marcada por esse sofrimento histórico, político e social de exclusão. Esses possíveis problemas de sofrimento, vindos de uma comunidade em vulnerabilidade social, podem ser repensados e trabalhados no grupo através do viés educacional.

Luisi (2006) enumera nove objetivos da terapia comunitária (desenvolvidas em comunidades de baixa-renda), elaborados por Barreto. (Barreto, 2003, apud Luisi, 2006) São eles, resumidamente: 1. Reforçar a dinâmica interna de cada pessoa, possibilitando maior autonomia e menos dependência; 2. Reforçar a auto-estima individual e coletiva; 3. Favorecer a autoconfiança na sua capacidade de evoluir e desenvolver-se; 4. Valorizar a função e o papel das famílias e da rede formada em seu entorno; 5. Suscitar a identificação com valores culturais locais; 6. Favorecer o desenvolvimento comunitário, buscando combater situações de risco e vulnerabilidade; 7. Promover e valorizar instituições e práticas culturais; 8. Tornar possível a articulação do saber científico e o saber popular; 9. Estimular a participação popular.

As intervenções comunitárias se dão em formatos diferentes, mas todas têm o objetivo de abrir um espaço de discussão para os participantes. Experiências muito interessantes são relatadas em estudos realizados, também na zona norte, dentro de um núcleo de pesquisa intitulado “Diálogo e participação: a prática dialógica na família, escola e comunidade”, coordenado pela Professora Doutora Heloisa Szymanski da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Este projeto acontece há dezoito anos e vem conquistando um espaço muito importante de diálogo e reflexão sobre práticas educativas. Seu objetivo geral consiste em introduzir e avaliar propostas de educação em tempo integral, segundo uma perspectiva dialógica de ensino, fundamentada na fenomenologia e em Paulo Freire.

O diálogo e a participação são os eixos centrais do projeto que discute diferentes contextos educativos, tentando pensar em uma proposta educacional comum. Acredita-se que esta prática dialógica deve ser adotada por todos que lidam

com a educação e não somente os educadores “formais”: os professores. Se todos assumirem tal postura, o exercício da cidadania e a construção de uma sociedade mais democrática estarão mais próximos.

Lomar (2007), em seu mestrado, desenvolvido neste projeto, escreve sobre a importância do diálogo na prática docente. Ela usa como referencial teórico, Paulo Freire e Buber, os quais dão base a seu trabalho com professores.

“Tanto para Freire como para Buber, a condição de ‘humanidade’ não é dada ao homem, mas construída por ele a partir das relações que estabelece com o mundo e com os seus iguais na medida que cria condições para sua sobrevivência. Entretanto, para eles, não é qualquer forma de relação que humaniza o homem, mas somente aquela que emerge a partir do reconhecimento do outro como diferente, que lhe confere identidade e, ao mesmo tempo, como igual, com o qual se partilha as mesmas condições de estar no mundo.” ( LOMAR, 2007. p. 15)

Para a autora, essa é assim, a base da condição humanizante, um elemento essencial do ato educativo. Possíveis diálogos que tentem montar uma parceria entre as instituições responsáveis pela educação, com intuito de um cuidado mais amplo ao filho-aluno-educando, fazem necessária a identificação dos sentidos envolvidos em ambas as partes, como escola-família.

Gasonato (2007) faz um estudo sobre o sentido das expectativas das famílias em relação à escola para a formação de seus filhos. Neste, convoca pais de 1º a 8º série de uma escola da zona norte e por meio de uma atividade coletiva, com pais da mesma série, observa a visão desses sobre educação, sobre a educação que a escola oferece, e sobre relações familiares relacionadas a práticas educativas. Favorece, assim, a expressão dos pais sobre suas expectativas, por meio de uma escuta atenta; estimula o respeito por opiniões diferentes entre pais; oferece reflexão e tenta publicizar as impressões através de cartazes, permitindo a visão de todos.

É através dessa visão dialógica, somando-se às experiências clínico-comunitárias, que a proposta do trabalho com o grupo foi fazer uma intervenção psicoeducativa, privilegiando a construção de um espaço de discussão e reflexão sobre

as vivências familiares a respeito da educação em seus diversos espaços, família e escola.

A partir dessa experiência com o grupo, este trabalho analisará os elementos de sentidos produzidos por estas cuidadoras (mães e avós) sobre educação familiar e escolar. Assim, pretende-se entender a construção de alguns elementos que determinam pensamentos e ideais das famílias acerca da educação, possibilitando, deste modo, uma revisão e reflexão sobre estas concepções.

## Educação

Entende-se, neste trabalho, educação de maneira ampla, levando em consideração o referencial de Paulo Freire (2005, 2009). A prática educativa acontece em todos os âmbitos da vida: todos nós somos educadores e educandos. No processo dialético de ensinar e aprender, se ensina aprendendo e se aprende ensinando. Educar é a possibilidade de transformar, tendo como principal ferramenta o diálogo. Este possibilita a mudança através da reflexão e ação repensada, que agora se faz possível de maneira mais diretiva, e mais consciente.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, ação-reflexão (Freire, 2002, p. 90).

Essas práticas não se dão sozinhas, mas sim mediada por outros, que se inserem e produzem um mundo sócio-historicamente construído. O ato de criar e recriar o mundo só é possível em relação com um outro, peça singular de um quebra-cabeças coletivo, não existindo parte sem o todo, nem o todo sem a parte.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (2009), propõe que, para se fazer uma prática educativa consistente, em favor da autonomia dos educandos, é necessária uma reflexão crítica sobre as práticas educativas.

Faço neste trabalho um paralelo entre as famílias (mães, avós e tias), que procuraram e participaram ativamente do grupo, com pedagogos (a quem é indicado o livro). Esse paralelo é feito, pois considero as participantes do grupo educadoras que aceitaram a difícil missão de dar a seus filhos autonomia, assim como a educação no ambiente escolar deveria estar interessada. Por isso, a discussão sobre educação foi pensada através dos referenciais desta pedagogia (comuns a pais e educadores formais): a pedagogia da autonomia.

Há, sem dúvidas, diferenças entre o ensinar de um pedagogo e o de uma família. No entanto, no presente trabalho serão enfatizadas suas semelhanças.

Para tanto, é interessante serem considerados, então, os ensinamentos que compõem essa pedagogia, que, não por acaso, nomeiam os capítulos do livro de Freire (2009). Tecerei algumas considerações sobre eles.

*Não há docência sem discência:* Nesse capítulo, discute-se que a educação crítica, como prática, exige a princípio, um olhar diferenciado sobre quem ensina e quem é ensinado. Deve-se olhar para eles em relação de mútua determinação, sendo que o educador transforma o educando, ao mesmo tempo em que é transformado por ele. Evita-se, assim, ver essa relação como estanque, em que há um sujeito que fornece o conhecimento e outro que recebe. Não há relação sujeito-objeto. Há uma relação sujeito-sujeito, que embora diferentes, podem mutuamente transformar e serem transformados nessa relação. Isso nos leva a uma concepção de homem que é inacabado, que é constituído cotidianamente, historicamente e nas suas interações sociais. Portanto, o ensinar-aprender é um processo que é permeado por diversas influências, históricas, sociais e culturais, em que os sujeitos em relação estão inseridos.

Quanto mais se passa pela experiência de aprender, sendo modificado por esse ensino e modificando o que é ensinado, mais se cultiva a curiosidade e a vontade por ensinar-aprender. Por isso, só alguém que foi modificado pela aprendizagem é que consegue e quer ensinar.

Um exemplo referente à família, que é dado neste capítulo, é sobre o ato de cozinhar. Esse prevê certos conhecimentos: como se liga o fogão, se acerta a chama, como se coloca os alimentos na panela, como são misturados, como se colocam diferentes temperos, etc. “A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro” (Freire, 2009, p. 22). Dentro da perspectiva colocada acima, nunca um cozinheiro será idêntico ao outro, pois essa prática permite diversas possibilidades, que se constroem dentro da história do cozinheiro, que é modificado e a modifica.

Uma habilidade que é ressaltada por Freire (que tem como ideal, assim como a presente pesquisadora, uma educação democrática) é que no ato de ensinar, se crie uma condição ao educando de ser sujeito de seu conhecimento. Isso significa favorecer que o aprendizado se dê de maneira criativa, em que seja solicitada a participação do educando, que o deixe curioso, instigado, mobilizado a construir esta relação de aprendizagem. Por isso, é essencial pensar no papel do educador (seja formal ou

informal), pois ele é muito responsável por viabilizar este processo ensino-aprendizagem.

Esse processo será bem sucedido se o educando aprender de verdade, ou seja, se for modificado com o aprendizado, tanto conseguindo ler uma placa e se achando na rua, como brincando e gostando de brincar com seu irmão de maneira não agressiva. Só se consegue esse “aprendizado ideal” se o educando passar por um “ensino ideal”. O ideal é construído historicamente (como será exemplificado em muitas falas no grupo de pais, posteriormente) e se modifica. Por isso, o que é ideal hoje, muito possivelmente não será ideal amanhã.

Outro ponto enfatizado é que o ensinar exige conhecimento dos educandos, e respeito a suas prévias convicções. No ensino democrático, é necessário, para iniciar uma conversa de troca, partir-se do que se conhece do educando, entendendo sua perspectiva de pensar, para serem pensadas possibilidades dele alcançar novos conhecimentos. Só se pode ter uma relação sujeito-sujeito quando os dois (educador e educando) conseguem dialogar e trocar informações. Isso só será possível se os dois tiverem como colaborar nesse diálogo. Quanto mais o educador leve em consideração o educando, maiores as chances de conseguir modificar e ser modificado. “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (Freire, 2009, p. 32)

É importante o “pensar certo”, que significa, segundo o autor, ser coerente a uma ética. Isso “(...) demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo.” (p.33/34) Por isso, Freire insiste na coerência de uma escolha (que pode não ser definitiva, mas tem que ter uma intencionalidade, por ser escolha).

Ensinar exige um método além da fala certa e intencional, “Pensar certo é agir certo” (p. 34), por isso faz-se necessário (como foi dito no começo deste texto sobre educação) uma ação junto à fala crítica para construir a práxis. E esta é a fala não esvaziada, mas que se ampara e articula na “inteiridade” do exemplo vivido, do modelo dado. Ensinar o certo só será legítimo quando for ensinado de maneira certa, e não como algo isolado, sem ter sentido na vida prática. Ensinar o certo de maneira errada só ajuda a dicotomizar e confundir o que realmente deve ser feito.

Faz-se necessária a visão crítica sobre a prática. “É pensando criticamente a prática que se pode melhorar a próxima prática” (p.39). Portanto, é necessário estar aberto às mudanças, à construção e reconstrução das práticas diárias. Para não repetir mecanicamente, é necessária a compreensão do valor da individualidade, “do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo, que ao ser educado, vai gerando a coragem.” (p.45)

*Ensinar não é transferir conhecimento:* Como já foi dito no item acima, ensinar é criar condições de ensino para que haja transformações tanto para o educando quanto para o educador. Ensina-se, constantemente, sem saber que se está ensinando, principalmente na família, pelo exemplo, pela maneira como se ensina. Não adianta pedir para uma criança parar de gritar, aos gritos. Fica incoerente e acaba ensinando-se indiretamente que aos berros se consegue o que se pede. Por isso, a importância do exemplo. Um exemplo dado em relação à escola, por Freire, é que não é realmente possível construir uma escola com uma educação democrática através de meios autoritários.

Outro item, tratado pelo autor neste capítulo, é que para educar é necessário ter consciência do “inacabamento”. Colocando-se na relação com o outro como quem sabe tudo e detém todos os conhecimentos, fica difícil haver uma troca. Para se ensinar sem simplesmente transferir ao outro, é necessário reconhecer, otimistamente, a possibilidade de aprender. E quem ensina deveria ter essa postura constantemente aberta, de se transformar, sempre, em relação. A partir daí, pensa-se que nada no mundo é preestabelecido, tudo pode ser alterado, repensado e recriado. “A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca” (p.57). É nesse constante movimento que se dá a educação, que nada mais é do que a busca para algumas das constantes perguntas que a vida nos coloca. Busca essa que só trará mais perguntas, e quanto mais esse gosto pelas perguntas se colocarem, mais se aprenderá/ensinará.

Ao seguir os desdobramentos da consciência de sermos inacabados, nos vemos diante da possibilidade de escolha, de ser ético. E este imperativo ético é que vai guiar o respeito às diferenças, à identidade, à autonomia e à dignidade do outro, diferente/igual a mim. Ao reconhecer que se deve respeitar o educando em todos estes aspectos, o educador aproxima-se de um fazer dialógico. Haverá, assim, uma coerência

a uma educação que pretende ser democrática e promotora da autonomia. “As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos” (p.65).

Outro saber que Freire coloca como fundamental é a apreensão da realidade. Segundo ele, essa é uma possibilidade que se tem a partir do aprender. Só quem aprende de verdade, e não mecanicamente, é que consegue apreender a substantividade do objeto que é aprendido. Então, para que se garanta o apreender, é necessário que se conheça, ao máximo possível, as dimensões da prática de ensinar/aprender. Quanto mais se tem clareza sobre essas variáveis, com mais domínio e fluidez se consegue construir este processo. Com isso, pode-se criar ambientes em que se cultive alegria e esperança no outro, na mudança e no aprendizado.

Cria-se, então, um mundo (ambientes) em que os sujeitos não são apenas passivos, são ativos. Eles intervêm, produzem mudanças, o olhar não naturalizado do mundo nos possibilita essa dimensão da ação, que é muito mais difícil e complexa do que ter que apenas se adaptar ao mundo. Para esse objetivo concretizar-se, no trabalho com classes populares, e para que o educar faça sentido a estas pessoas (como os participantes desta pesquisa) é necessária a “‘expulsão’ do opressor de ‘dentro’ do oprimido, enquanto sombra invasora. Sombra que, expulsa pelo oprimido, precisa de ser substituída por sua autonomia e sua responsabilidade.” (p.84).

*Ensinar é uma especificidade humana:* Freire inicia este capítulo falando da importância de uma “autoridade” democrática de quem ensina. Ela diz respeito à segurança e à firmeza, que são importantes no ato do propositos do aprender. Essas características só serão adquiridas com a constante revisão da prática, pretendendo sempre respeitar as liberdades dos educandos. Muitas vezes autoridade é confundida com o autoritarismo, que é o oposto da autoridade democrática proposta. Autoritarismo é construído em relações desiguais de poder, nas quais quem é autoritário é detentor total do saber e com ele fica o poder. Já a autoridade democrática é construída de relações de respeito em que há seriedade, humildade, generosidade das partes; nunca é imposta, mas sim, construída com um direcionamento horizontal e ético.

Novamente, só é possível a construção de uma autonomia pela vivência da autonomia. Isso exige de quem ensina muita coerência do que é dito e feito. Só com este tipo de comprometimento é possível atingir metas difíceis e complexas como o

desenvolvimento da autonomia em um sujeito. Essa postura crítica diante do ato de ensinar acaba produzindo no educando a experiência e depois a consciência de que educação é a possibilidade de transformar o mundo, de intervir, acima de tudo, diferente da lógica reprodutora de um contexto dominante. Aos poucos o educando se torna cada vez mais responsável por suas ações no mundo, e isso significa dizer que as conseqüências de seus atos deverão ser assumidas por ele. Freire exemplifica esse processo com os pais que aos poucos vão ensinando os filhos a prever as conseqüências possíveis de uma decisão. “A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”. (p. 107).

O autor reconhece que liberdade e autoridade são contraditórias, que o seu construir diz respeito a um processo que vive esta tensão de opostos. Por isso, devem ser entendidas em relação e não de maneira estanque e mecânica. Não é possível para um educador democrático autoridade sem liberdade, nem liberdade sem autoridade. Uma das grandes ferramentas que possibilita essa qualidade democrática é o saber ouvir, em que se coloca no mesmo patamar de direitos e palavras quem ensina/aprende e quem aprende/ensina. Freire enfatiza que não se deve “falar a” alguém, se deve “falar com” alguém, explicitando sua posição democrática horizontal. Estas são algumas das qualidades que o educador deve ter.

“É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade a mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica”. (p. 120)

Assim, o autor orienta os educadores a fazer uma pedagogia da autonomia, de maneira democrática e responsável.

Este olhar orientou a condução do grupo que se propôs a ser dialógico, fazendo as participantes se questionarem e reverem suas práticas e concepções. Para isso, primeiramente, foram ouvidas as demandas das mães, depois a partir delas selecionados temas principais. Ou seja, partiu-se do que elas sabiam, ou gostariam de discutir sobre os filhos. Depois disso, ao longo dos encontros estes temas trazidos

pelas mães foram divididos e discutidos. Foi possível, de maneira democrática, ouvindo a todas igualmente, construir novos olhares para a educação de seus filhos, tanto no âmbito escolar como familiar. A pesquisadora fez questionamentos como o que é educação, família, disciplina, discriminação, entre outros temas (que aparecem nas demandas iniciais das mães), sem propor respostas, mas estimulando uma reflexão sobre os temas. Outra estratégia utilizada na condução do grupo foi uma contextualização da escola e da família no tempo de hoje e de antigamente (no tempo de escola das cuidadoras). Fazendo com que as mães se percebessem dentro de uma história. Se percebendo ativas e fazendo mudanças, pois ao tentarem fazer diferente com seus filhos, do que suas mães fizeram com elas, aparece um olhar diferente para educação ( que é legitimado historicamente).

Assim, na condução do grupo, foram utilizadas muitas das estratégias de Freire (2009), para questionar e entender a compreensão das mães sobre seus filhos. Permitindo assim, além de uma revisão e reflexão de concepções de educação, a construção de um espaço dialético, que pretendeu ser modelo de um tipo de relação democrática possível entre elas.

Foi mantida a distinção entre educação escolar e familiar por serem práticas que exigem algumas habilidades diferentes, e por terem sido trazidas pelos pais como problemas distintos, mas que ao longo do grupo foram se fazendo entender como mais semelhantes do que diferentes.

## **Psicologia sócio-histórica**

A psicologia sócio-histórica irá nesta pesquisa, direcionar o olhar para os significados e sentidos das cuidadoras do grupo. Por isso, primeiramente, é necessária uma breve compreensão sobre a concepção filosófica que embasa a psicologia sócio-histórica: o materialismo histórico e dialético. Ao compreendermos suas bases será possível avançarmos para como se dá a compreensão da subjetividade e por fim dos significados e sentidos.

O homem, para a psicologia sócio-histórica, é construído, como foi dito acima, na perspectiva do materialismo histórico e dialético. Isso significa que é a partir das bases materiais de sua sociedade (as relações de produção) que o homem desenvolve as demais esferas de sua vida (a arte, a ciência, a religião, o direito, etc). Ou seja, para que o homem crie condições de existência, ele tem que transformar a natureza e, para isso, entrar em relação com os demais indivíduos através de seu trabalho. Ao produzir suas condições de existência, portanto, o homem organiza relações de trabalho e suas formas de apropriar-se da produção. A divisão do trabalho e a forma de propriedade constituem a base material da sociedade. É a partir dessa base, que irá se desenvolver a sua consciência, cujo papel será legitimar tais relações de produção. Dessa forma, pode-se dizer que a produção das idéias humanas está indissociável das bases materiais.

Entretanto, a base material de qualquer sociedade não é estanque: ao estabelecer divisões e formas de propriedade criam-se tensões entre homens. São estas tensões que precipitam as transformações sociais, revelando as contradições da base material e, portanto, geram movimento histórico. Do ponto de vista do indivíduo, é especialmente a partir do trabalho que ele irá, além de adquirir as condições de sua sobrevivência material, interiorizar os significados de sua sociedade construídos historicamente, e se construir como sujeito. O indivíduo se constitui a partir de sua condição social. Assim, ao transformar a realidade, o próprio homem se constitui.

Cada indivíduo é, como foi dito até agora, determinado pelas condições materiais, de sua sociedade, constituídas historicamente. Mas, mesmo sendo determinado por elas, é ele que as coloca em prática. Portanto, ao mesmo tempo em que ele é determinado pela sociedade, ele a determina, o que caracteriza a relação

dialética. Isso significa dizer que, por um lado, o homem, independentemente de sua vontade, é determinado pela sua história, por outro, apenas ele é capaz de transformá-la. (Gonçalves, Bock, 2003)

Assim, sobre as bases do materialismo histórico e dialético, constroem-se todos os aspectos da vida do homem, incluindo sua subjetividade, principal objeto de pesquisa da psicologia. A subjetividade pode ser compreendida “como um processo complexo e multideterminado; que contém a diversidade; que é fundado na relação indivíduo-coletividade; que é não natural e está em movimento” (Bock, Gonçalves, 2005, p. 120). Neste processo o homem através da sua realidade objetiva constrói sua subjetividade e através da sua subjetividade constrói sua realidade objetiva. Sempre através desta relação objetividade-subjetividade, que deve sempre ser entendida como processo em movimento. Para isso, é importante na compreensão e apreensão do homem, olhá-lo através das mediações sociais, evitando visões estanques e dicotomizadas dos fenômenos.

As mediações sociais, dizem respeito à maneira como os fenômenos se realizam:

“...ao falarmos em mediação, referimo-nos, como afirma Severino, ‘a uma instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si; a partir daí, o conceito designará um elemento que viabiliza a realização de outro que, embora distinto dele, garante a sua efetivação, dando-lhe concretude’ (2002, p.44). A categoria mediação, não tem, portanto a função de apenas ligar a singularidade, mas de ser o centro organizador objetivo desta relação”. (Aguiar, Ozella, 2006, p. 225)

O **sentido e o significado** são duas categorias de análise que possibilitam a discussão sobre subjetividade dentro da psicologia sócio-histórica. Para melhor compreendê-las faz-se necessária a compreensão do pensamento e linguagem: A linguagem possibilita o contato, o compartilhamento entre os homens, de idéias, experiências e vivências. Porém, a linguagem não serve apenas para a expressão do pensamento, ela o constrói. Na medida em que organiza o pensamento, a linguagem o constrói, para Vigotski, “o pensamento se realiza na fala” (Aguiar apud Gonçalves, Bock, 2009, p 55). Esta relação, pensamento/linguagem, se constrói e é construída mediada pelos significados e sentidos ( nossos objetos de estudo desta pesquisa).

Os significados e sentidos, como foram dito anteriormente, fazem a mediação entre pensamento e linguagem, expressando uma realidade construída social e historicamente. Apesar de serem diferentes, devem ser compreendidos em conjunto, como uma unidade dialética de opostos contraditórios. Os significados são conteúdos mais estáveis, mais socialmente apropriados, e dizem respeito a uma realidade compartilhada social e historicamente. É a partir deles que há comunicação entre os homens. Já o sentido, diz respeito a um lugar mais profundo, individual e peculiar de uma experiência de um indivíduo. Por isso é mais amplo, é a parte psicológica de como a realidade material é absorvida pelo sujeito. “O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes ainda não se realizaram, mas mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo em atividade” ( Aguiar & Ozella, 2006, p. 227)

Os sentidos, sendo esta força instituinte, é o que traz a possibilidade do novo, através do já existente, o significado, que por sua vez, já foi um dia sentido individual, e que hoje é significado compartilhado. Por isso, não se pode entender significado/sentido separadamente, eles dizem respeito a um processo de mediação da subjetividade e objetividade.

Usaremos, no presente trabalho, a categorias de elementos de sentidos para melhor apreensão e compreensão das falas do grupo de pais, já que não conseguiremos aqui captar a compreensão dos sentidos profundamente dos indivíduos do grupo e nem ficaremos apenas nos significados amplos. Optou-se por elementos de sentido tentando focar as determinações dos sentidos que aparecem no grupo.

### **Interfaces entre Paulo Freire e a psicologia sócio-histórica:**

Tanto Paulo Freire, quanto a psicologia sócio-histórica, compartilham a idéia do homem determinado sócio, histórico e culturalmente. Ambas as posições compreendem as relações do homem, através da dialética, colocando-o num patamar crítico de construído e construtor de seu ambiente interno/externo.

É importante, neste trabalho, pensar que os significados e sentidos (que não são trabalhados explicitamente por Freire, mas são entendidos por ele como a construídos de maneira não naturalizada, ativa pela junção da reflexão, ação e práxis), são tidos como meios de acessar a subjetividade das participantes do grupo. E assim, observar o processo coletividade/individualidade. As falas das cuidadoras expressam uma realidade por elas compartilhadas, relativa a sua região, contato com os mesmos

espaços, cultura semelhante. Isso representa os significados presentes comuns, coletivos. Esses significados são vividos individualmente, por cada mulher do grupo em seu cotidiano, e são trazidas através de vivências singulares, sentimentos e dizem respeito ao sentido. Como foi dito anteriormente, significado e sentido devem ser entendidos juntos explicitando um processo de objetividade/subjetividade da experiência vivida.

Paulo Freire também está atento em seus estudos, a esta dialética dos fenômenos, que devem ser entendidos como processos em movimento. Por isso, a combinação da psicologia sócio-histórica com Paulo Freire resulta em um olhar que traz uma possibilidade de reflexão e mudança da realidade que se constrói e é construída em um processo mediado pelo outro. Coloca o sujeito como ativo e construtor da possibilidade de mudança. É dentro desta possibilidade de reflexão, e ação modificada que se forma a metodologia do grupo, que pretende compreender e discutir as concepções de educação dos pais.

## METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa considerou dois aspectos: 1. A coleta de dados dos sentidos e significados (de acordo com a psicologia sócio-histórica) sobre educação familiar e escolar, através das falas das cuidadoras (mães e avós) do grupo. 2. Uma experiência de grupo que fosse democrática e dialógica, como sugerida por Freire(2005).

Para isso, pensou-se em uma metodologia que contemplasse estes dois aspectos. Foi, então, através de uma proposta dialógica de reflexão, que se acessou os significados e sentidos dos familiares a respeito da educação familiar e escolar. Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre educação de maneira mais ampla, como será descrito a seguir.

**Participantes:** Pais e cuidadores participantes do grupo de pais na Vila Brasilândia, formado para discutir a educação familiar e escolar de seus filhos.

**Local:** Espaço de um projeto social, situado na Vila Brasilândia, bairro periférico da cidade de São Paulo.

**Periodicidade:** O trabalho com o grupo ocorreu em seis encontros semanais, aos sábados, com 1h30min de duração. .

**Procedimento de coleta:** Os encontros foram conduzidos pela pesquisadora, responsável, no projeto, pelo trabalho educacional com os pais. Os encontros ocorreram do dia 7/11/2009 até o dia 19/12/2009. Foram gravados e posteriormente transcritos. Todas as participantes foram esclarecidas sobre a pesquisa, e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 1), em que foi avisado que a qualquer momento poderiam sair da pesquisa. Uma cópia ficou com elas e outra com a pesquisadora.

O procedimento foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP e aprovado segundo o protocolo de pesquisa nº 111/2010. Foi considerado que o presente pesquisa não apresenta qualquer risco ou dano do ponto de vista ético

## **Estrutura dos encontros:**

A intervenção foi organizada em seis encontros. As demandas iniciais das cuidadoras, ligadas ao tema educação familiar e escolar, foram divididas ao longo dos encontros. Como foi dito anteriormente, optou-se em fazer uma intervenção dialógica, aos moldes de Paulo Freire para identificação dos elementos de sentidos sobre educação familiar e escolar, que foi construída da seguinte maneira ao decorrer dos encontros:

Dia 1. Escuta das queixas iniciais; explicação da pesquisa e dos objetivos do grupo; apresentação do termo de consentimento; levantamento de expectativas de discussões no grupo.

Dia 2. Organização das demandas em um cronograma de discussões; questionamento às participantes sobre o que era educar e solicitação de preenchimento de um quadro, com pontos positivos e negativos da educação nas escolas hoje e nos tempos de escola das participantes.

Dia 3. Retomada da discussão sobre educação escolar e início da discussão sobre a educação na família, hoje e nos tempos em que as participantes eram crianças

Dia 4. Finalização da atividade sobre pontos positivos e negativos da família hoje e antigamente.

Dia 5. Discussão sobre os temas: Indisciplina, disciplina, desinteresse, discriminação e preconceito. Atividade sobre família ideal e família atual.

Dia 6. Palestra com assistente social do projeto, sobre o ECA e fechamento do grupo.

**Resultados:** A partir da transcrição dos encontros, realizou-se uma divisão em categorias das falas dos pais (anexo 2). Estas categorias foram sistematizadas, após algumas leituras da transcrição dos encontros. Elas abarcam os elementos de sentido acerca da educação escolar, da educação familiar e da visão de mundo dos pais. Acrescentou-se uma última categoria com as avaliações feitas pelo grupo sobre a função do trabalho realizado.

**Discussão:** Análise, a partir das categorias, dos significados e sentidos do grupo, a partir da visão sócio-histórica.

Breve descrição dos seis encontros:

Primeiro encontro (10 participantes) : Foi introduzido o tema o objetivo do grupo e explicado que os dados ali produzidos seriam gravados e posteriormente analisados numa pesquisa.

Explicaram-se os termos de consentimento livre e esclarecido, tirando eventuais dúvidas. O encontro só foi gravado a partir do momento que todos assinaram os termos.

A seguir, todos apresentaram suas queixas, suas demandas em relação ao tema dos encontros, a educação dos filhos. Uma estratégia usada para a condução do grupo foi ir anotando algumas frases, ou palavras chaves na lousa para facilitar algumas sínteses e uma reflexão. A partir daí foram levantadas as expectativas de temas a serem trabalhadas com o grupo, que foram anotadas na lousa:

- comportamento dos filhos na escola
- atitude dos professores
- como pais separados podem orientar seus filhos
- netos que moram com avós.
- desinteresse
- discriminação das crianças
- falta de orientação da escola/Estado sobre como proceder com as crianças
- responsabilidade dos dois lados (escola-família)
- fases do desenvolvimento
- necessidade de profissionais mais qualificados
- ameaças que a escola faz constantemente de denunciá-los para o Conselho Tutelar e mandá-los para serviços psicológicos.

Segundo encontro (11 participantes): Foi organizado, a partir das demandas dos pais, um cronograma com o que aconteceria em cada encontro. A coordenadora do grupo (pesquisadora) escreveu na lousa esse cronograma para ver se todas as expectativas estavam contempladas nos encontros previstos. Todos concordaram com a organização e seguiu-se com a programação para este segundo dia.

2º encontro 14/11	3º encontro 28/11	4º encontro 5/12	5º encontro 12/12	6º encontro 19/12
O que é educar? Qual é o papel da família e da escola?	Problemas da atualidade. Desinteresse Indisciplina Descriminação Diálogo	Responsabilidade dos dois lados. Como se organizar para lidar com questões trazidas pela escola/ ECA	Diversidade na constelação familiar. Família vivida x família pensada.	Possíveis conversas entre família-escola. Fechamento do grupo.

Seguiu-se o encontro, perguntando o que era educar. Nas respostas dos participantes do grupo, tudo o que foi mencionado dizia respeito à família. Só uma resposta passou timidamente pela questão escolar.

Seguimos o grupo fazendo um quadro com as seguintes questões: o que era bom e ruim na sua época de escola e o que é bom e ruim na escola hoje? Foi programado fazer uma tabela semelhante analisando a família, mas não houve tempo.

Escola no seu tempo		Escola hoje	
Bom:	Ruim	Bom	Ruim

#### Terceiro encontro ( 7 participantes):

Este encontro teve início com a continuação da atividade do encontro anterior, retomando o que tinha sido dito sobre a escola e fazendo o mesmo a respeito de família.

Família no seu tempo		Família hoje	
Bom:	Ruim	Bom	Ruim

O resultado foi muito interessante, o grupo constatou aspectos importante por meio da comparação das mudanças da escola com as da família. Iniciou-se, assim, uma discussão sobre a atualidade e seus problemas.

#### Quarto encontro (5 participantes):

Discussão sobre problemas atuais.

Como as famílias falaram muito das ameaças que as escolas fazem de denunciar as mães ao conselho tutelar, a pesquisadora sugeriu que se chamasse um conselheiro, para esclarecer algumas dúvidas, no último encontro do grupo. Todas gostaram muito da idéia. Nesse encontro não conseguimos ficar dentro do que estava previsto no cronograma, pois havia muitas questões das mães sobre práticas educacionais que gostariam de colocar e discutir. Consideramos que, apesar de termos feito uma organização dos encontros, eles deveriam ser flexíveis para atender as necessidades do grupo. Foi interessante notar que o grupo começava a ter uma configuração mais próxima. Todas se cumprimentavam com beijos e comentavam que se encontraram na rua. Uma das mães, inclusive, pediu para que a outra fizesse certas perguntas para o conselheiro tutelar, pois precisaria abandonar o grupo por causa de um novo emprego. Parecia ser o começo de uma rede de apoio.

#### Quinto encontro ( 8 pessoas) :

Discussão sobre os temas: Indisciplina, disciplina, desinteresse, discriminação e preconceito. Foi discutido o sentido destas palavras e seu uso hoje em dia.

O encontro foi fechado com um exercício de desenhar/ escrever como seria uma família ideal e como é a sua família hoje. O grupo mostrou-se mais íntimo, apareceram nas falas mais conselhos e sugestões entre as participantes. Uma delas no final do encontro sugeriu que no último dia do grupo fosse feito um lanche comunitário, para comemorar o final do trabalho realizado. Outra participante completou a idéia sugerindo que todas trouxessem seus filhos para que finalmente conhecessem os principais sujeitos de suas falas. As idéias foram acolhidas pela pesquisadora.

#### Sexto encontro (8 pessoas):

Foi realizada uma palestra com assistente social do projeto, sobre o ECA, que posteriormente foi distribuído para as participantes do grupo. Esclareceu-se que o ECA deveria estar a favor da família, e não contra, como era percebido pelas mulheres. Depois da palestra, foi feito um fechamento, levantou-se o que deveria se manter e mudar no grupo. Foi feito um lanche comunitário no final do fechamento com as mães e seus filhos. Cada uma trouxe uma comida, conversaram bastante e trocaram telefones no final.

## RESULTADOS

Após a transcrição dos encontros gravados, foram lidas e relidas as falas das participantes e divididas em categorias e subcategorias, que expressavam aspectos importantes para a compreensão dos significados e sentidos dados à educação (familiar e escolar) pelas participantes do grupo.

Categorias:

**Contextualização do mundo/ da realidade:** Situações da realidade que perpassam a educação no cotidiano. Representam aspectos sociais, culturais e históricos da região.

**Educação Familiar:** relações de ensino/aprendizagem dentro do contexto familiar.

**Educação Escolar:** relações de ensino/aprendizagem dentro do contexto escolar.

**Avaliação da intervenção:** o por que foi importante a participação no grupo e sugestões para sua melhoria. .

Todas estas categorias foram divididas em subcategorias para a melhor compreensão e síntese das falas apresentadas no grupo de pais. O esquema das categorias e suas subcategorias está apresentado no anexo 2.

### **Contextualização do mundo/ da realidade:**

Nesta categoria estão agrupadas as falas das participantes que se referem a aspectos gerais de sua vida. Dizem respeito a uma realidade compartilhada entre todas elas, falam da região e do tipo de interação que se encontra neste local. As subcategorias trazem os temas: Violência; Acesso a serviços públicos; Espaços físico; Papel da mulher e Direito da criança(olhar sobre o ECA). Todos estes temas serão importantes, futuramente, na compreensão da educação familiar e escolar, pois acabam perpassando as diversas práticas, inclusive as educacionais.

**Violência** Este é o grande tema, que mais aparece e permeia todos os ambientes e as relações cotidianas. Por isso, é muitas vezes visto de maneira naturalizada e usada com um consenso da comunidade em diversas práticas. Ou seja, é reproduzida constantemente, até por aqueles que não concordam com a maneira violenta de se relacionar.

Há várias colocações que mostram situações de violência nas relações cotidianas, no enfrentamento de dificuldades diversas, evidenciando certa presença generalizada dessa perspectiva, como pode ser observado a seguir.

#### Em vários ambientes e relações:

“mas assim, é uma reação da sociedade, porque em si a gente já sofre discriminações inúmeras, né, mas até aí eu tiro de letra, agora, mas em relação ao meu neto, né, ao M, isso é uma coisa que eu ainda não, ainda não digeri. Em relação a minha pessoa eu já enfrentei inúmeras discriminações, de cor de pele, que eu sempre consegui superar (...) mas diante dessa situação aqui, eu estou de pés e mãos atadas, muitas vezes eu não consigo administrar nem com ele mesmo. (...) ele é branco, e eu sou negra, e o pessoal ficar olhando pra mim: acho que ela roubou essa criança, entendeu?”

“Ele estava no Colégio, voltou pra casa ai eu pedi pra ele ir buscar um refrigerante pra mim. Só que eu falei: filho troca essa blusa porque a polícia pode te pegar assim (blusa estampada com uma pixação). E ele falou: ah mãe nada a ver. Ai nisso ele foi e na mesma hora tinha um moleque que pixou o muro. Adivinha quem a policia viu? (...) só meu filho (...) a polícia tava atrás dele, interfonou no prédio e pediu pra eu descer (...) aí eu cheguei lá, era ROTA, aí o policial perguntou se ele era de maior. E eu disse que sim. Mas isso é por causa do balão na blusa? Não, seguinte, nós vimos uma pixação e dois meninos correndo. Um saiu correndo para um lado e outro pro outro. Aí nós não vimos quem foi, só que como os dois correram. Correu todo mundo, só deu o menino pro lado e um menino pro outro e na hora assim, um menino voltou. Ai foi difícil...”

“eu cheguei a parar no hospital por causa dela, peguei, dei uma surra nela, peguei, dei uma surra nela, e o amigo do meu filho tava lá, eu quase joguei a cadeira em cima deles, ele falou: tia, larga ela que a senhora vai matar ela, eu catava os cabelo dela assim e olha aqui eu to toda roxa, por todo o corpo eu falei pra ela, me respeita...”

“...você que sabe, se eu for lá, vou pegar você na porta da escola, na frente dos seus amiga, (...) posso ir preso, posso, mas na hora eu vou sair de lá, (...)e uma hora você vai apanhar.”

“E hoje profissão de professor é profissão de alto risco: Eles podem tomar um tiro a qualquer momento. (...) Qualquer profissão de hoje em dia é de alto risco! (...) Mas acho que com professor é pior, porque os alunos estão tão violentos, que não é possível que um adolescente esteja fazendo isso, e tá fazendo.”

A violência, se apresenta de maneiras diversas no cotidiano das participantes, seja através de discriminação, de preconceito, de práticas agressivas com as crianças, com a punição da policia e até mesmo pela percepção dos adolescentes como uma “classe perigosa”.

#### Presença do tráfico e drogas

“a mãe dele estava tão drogada, tão drogada que ela atrapalhava a reunião...”

“É assim mesmo, e quer saber quem resolveu essa briga, foi um tal de.... cachorrão, um tal de cachorro pit bull, ele só mandou um aviso que era pra parar, a briga, porque se não o cara, que

arrumou essa briga ia morrer lá em cima, só isso, (...)É, o tal do Pit Bull, porque o menino ia apanhar, porque ele mexeu com outros meninos, de outra escola. Aí o Pit bull mandou todo mundo subir que ia resolver lá em cima, eu falei, ele comeu todo mundo. O moleque até tá no jornal, é o policial deu depoimento que o rapaz que foi preso que bateu no jogador. O pit bull, o policial falou, ele comanda a zona norte, a gente não pode fazer nada, eu tenho medo dele. Se o policial tem medo dele imagine nós, agora quem tem o direito de mandar na porta do colégio era ele? Não, era a escola, porque os policial não faz nada. Mas até é bom ele tomar conta daqui, pelo menos não sai briga na porta da escola, se ele tem autoridade que não é da escola, e a diretora que manda ali, que diz que é a dona não tem. Bota o Pit bull ali mesmo, né?”

O tráfico aparece muito perto das crianças, seja através da mãe como usuária, como o traficante que esta na porta da escola de olho em seus aliados que brigam dentro da escola. A escola acaba não tendo controle da situação, nem da mãe que comparece a reunião drogada, nem do traficante que exerce mais poder sobre seus alunos que ela(a escola)

**Acesso a serviços públicos:** É restrito o acesso às condições básicas, como saúde por exemplo. Muitas vezes as participantes se sentem desrespeitadas e se culpam por não poderem ter condições para “ dar uma vida melhor” para seus filhos.

“eles indica, ó, se você for em tal associação, você precisa de 100% de indicação(...)agora fiquei mais dois anos naquele posto da vila progresso, que é aqui em embaixo, e agora me encaminharam pra cá, lá eu parei de fazer, demorou 6 meses pra ser atendido.”

“estado não oferece profissional qualificado...”

“Já o meu filho foi p/ escola publica porque eu não tinha como pagar, mas você vê o conteúdo dos livros você vê a diferença de matéria...”

Os serviços além de restritos são precários e ineficientes. Seja na saúde, seja na educação.

**Espaço físico:** Aparece como um complicador, o espaço pequeno das casas; abrigando não apenas a família nuclear, mas a família estendida favorece grandes tumultos e divergências de orientações e maneiras de lidar com as crianças. Há muitas brigas e desentendimentos, mas também há um grande acolhimento familiar. É comum a prática dos filhos casarem e continuarem morando com os pais, aumentando a população da casa.

“É bem complicado porque eu sei que a vida tá difícil, minha mãe é de um jeito e eu quero fazer de outro, então assim, é muita criança.”

“Lá em casa sabe o que eu faço: coitadinho do neném, coitadinho do neném. (demonstrando a maneira afetiva de lidar com o sobrinho). Ai, vem a minha mãe e fala, berrando, com ele você

tem paciência e com os seus filhos você tem não tem paciência! É tanta criança em casa, aí eu fico falando o dia inteiro: fulano para, beltrano, já falei, aí...eu falei: olha pára e num me grita assim. E eles parece um monte de ratinho saindo correndo de mim, mas continuando a berrar.”

“ Na minha casa, são três casa juntas, tudo família. Aí você fala: não pode fazer isso. Aí a outra vem e deixa. Aí a sua ordem já era, porque perde o controle.”

“...chega, eu já tô estressada daquele monte (de gente na casa), aí vem a F., eu já tô estressada também. Eu num tenho nem paciência mais com meus filhos, eu num guento mais porque, porque... Eu nunca desejei tanto uma data o dia 20 de dezembro tão esperado como esse, porque cada um vai pra outro lugar, pega sua cria e some (todos viajam de férias), né. Nunca esperei tanto, nunca nunca, nunca, nunca, nunca!”

O excesso de crianças e pessoas numa mesma casa acaba dificultando as relações interpessoais. A paciência vai se esgotando com o grande numero de eventos que ocorrem num mesmo ambiente.

**Papel da mulher:** Aparece em muitas relações em desigualdade de direitos, sobrecarregada e não reconhecida. Além disso, a mulher vai assumindo o discurso hegemônico e se sente culpada por não conseguir cumprir todas as obrigações que a sociedade lhe atribui. Ao mesmo tempo reconhece este papel e luta contra ele, de maneira insegura, variando entre poder ou não ter autonomia.

#### Relação com marido

“...Mas ele diz (o marido): fala com a sua mãe a sua mãe resolve, aí ele joga tudo pra cima de mim.”

“não é assim não, é assim S., eu sempre usei isso e sempre vou usar. Filhos de pais separados, principalmente, tá, o filho virou doutor, é filho do pai. Ah, o L. virou bandido, filho da N., vocês tão entendendo, a mãe é sempre a culpada.

A mulher fica sobrecarregada no cuidado com os filhos. Além disso, sente que só é reconhecida como responsável pelas coisas ruins que ocorrem com o filho, principalmente por serem as mais encarregadas por sua educação e cuidados.

#### Relação com filhos

“...eu vou acabar te matando, eu falava isso direto pra ele, e ele não ficava mais comigo, aí ele só ficava quando o J. tava dentro de casa, aí o pai dele falou: D., tô trabalhando pensando em você e a sua mãe, isso não é possível, eu tenho medo de uma hora eu chegar e sua irmã falar: minha mãe matou o D., aí eu acho que ele foi vendo, ele parou, mas é um teste de resistência mesmo.”

“Mas é assim, primeiro eles cai, depois eles levanta, é um pior que o outro,. Mas é o que eu digo pro meu marido. Ele me dá muito apoio e fala: deu, deu, não deu a gente dá um jeito.

então ele chega de novo e disse: você quer isso de novo pra você? É problema seu, é igual a L.”

“...mas eles defende você menina, a gente fica sabendo, mas um dos meus brigou com a professora porque, a professora, falou mal de mãe aí ele viro falou, fala de mim, mas não fala de mãe.”

É uma relação contraditória, ora percebem que são reconhecidas pelos filhos, gostando desta situação, ora se descontrolam e os ameaçam percebendo-os como ruins e desrespeitosos.

### Inserção no mercado de trabalho

“Hoje em dia, a mãe precisa sair pra trabalhar, não é todo mundo que tem a felicidade, né, de arrumar um marido, um homem de verdade que fala assim: não, minha mulher vai ficar em casa cuidando do meu filho, dando educação. Não, tem muitas mães que tem, eu, já comecei a trabalhar depois que eu separei. O L. já tinha o que, 9 anos de idade, a fase mesmo foi a F., ainda eu acompanhei ela, eu que trabalhava podia colocar numa escolinha particular, desde 1 aninho, então ela já foi pegando independência dela logo cedo (...)

O trabalho fora de casa é tido como uma coisa ruim, uma necessidade das mulheres que não tem sorte de ter um marido que seja responsável pelo dinheiro na casa. É mais freqüente em mulheres separadas. As maioria das mulheres do grupo trabalham em casa.

### Sobrecarga funções

“...então é assim que eu falo, eu não posso nem me dar ao luxo de adoecer, sequer adoecer, que aí senão ele fica, eu fiquei internada, duas semanas(...) e o menino ficou, assim transtornado ele ficou, das situações que pra mim assim, (...) que pra mim também é complicado a gente vê a situação a gente tem que ter uma postura, uma firmeza diante da situação, né, e às vezes eu não tenho acabo, me deprimindo também diante da situação.”

“Mas não adianta, moleque é assim mesmo, eu sofri muito Também com o D. era assim também, eu gosto do meu pai mas não gosto de você não, porque você é muito chata, eu sou, porque seu pai me chama no quarto e manda eu resolver tudo...”

“Outro dia tava falando, J., se morrer, como você vai fazer? Ele falou: eu olho, mas não pense que eu vou cozinhar, que eu vou lavar, que eu vou passar pra essa turma toda.(...) tudo sobra pra mulher.”

A mulher se sente muito sobrecarregada com o excesso de tarefas, que além de cuidar dos filhos precisam trabalhar, mesmo que dentro de casa (fazendo bicos como lavadeira, cozinheira, passando roupa, sendo síndica, etc.) para ajudar o marido na renda da casa. Há desgaste e ao mesmo tempo, muitas vezes, culpa por estar desgastada. Pois assume uma posição insubstituível.

**Direito das Crianças (olhar sobre o ECA)** O estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), que faz 20 anos neste ano, propõe um olhar para a criança e o adolescente como sujeitos de direito. Isso significa que os protege contra muitas injustiças que historicamente vêm sofrendo com o autoritarismo e a negligência de pais, professores e da sociedade como um todo. Reconhece a necessidade de autonomia, inclusive para as crianças reclamarem e se protegerem. Só que esta informação muitas vezes chega aos pais em forma de ameaça, pois, se eles descuidarem das crianças, podem sofrer sérias penalizações (como a detenção). As crianças, então se apropriando desta informação como ameaça, e usam-na de maneira a se proteger dos pais, o que gera grandes discussões sobre autoridade/liberdade. Há um conflito, os pais não entendem o ECA como um parceiro, mas sim um malfeitor que tira sua autoridade e ainda dá argumentos de ameaça para seus filhos nas discussões.

“duas ameaças que eles fazem, se você não levar, não cuidar, vai pro conselho tutelar, isso quando fala com a criança...”

“Tem gente que fala, se eu chama o conselho tutelar, você tá ferrada. Ai é fogo, dá raiva, ficam ameaçando (...) você não pode bater, e se seu filho falar pra professora que você bateu, você tá ferrada.”

“O ECA ele tirou a autoridade da gente, dos pais, (...) o ECA tirou muito autoridade da gente sim, porque não é que ele (o filho) não sabe nada, sabe mais que a gente até, mas não sabem dos direitos deles.”

“Eu tenho uma amiga na professora que fala: S. se eu pegar um aluno e por pra fora, vem o conselho tutelar e eu perco os meus direitos, (...) com os pais é a mesma coisa, se você bater hoje em dia né. Eles vêm e é só acionar o conselho tutelar.”

“então é assim. Vou te arrebentar L., mas eu vou te arrebentar a cara, e ele falou: Eu te denuncio. E eu falei: você me denuncia, mas eu vou dar razões pra você me denunciar, é um direito que eu tenho, é um direito que você tem mas eu sou mãe eu Também tenho direitos, então acho assim.”

“Eu tava comentando que, assim, depois que inventaram os direitos das crianças, né, eles se acham os verdadeiros, né, assim, donos da verdade, né, então tudo eles assim apontam, ne, os direitos que eles têm, só que eles têm os direitos deles, né, de reclamar (...) é, então assim, são os direitos que eles têm de sei lá, num vou dizer assim que é certo descontar no seu filho, né! Mas se você der um tapa eles ameaça ir pra delegacia, eu tenho direitos, eu tenho os meus direitos, assim né! Aí, quais são os nossos direitos? Só eles tem os direitos, eles colocam os direitos, mas num falam pras crianças as obrigações, só os direitos, e as obrigações que eles tem? Aí, vem me ameaçando. Eu vou dar um pau neles pra mostrar os direitos.”

O conselho tutelar é visto como um órgão punitivo, que tira a autoridade tanto dos pais como dos professores. Este jeito que a escola se apropria e passa a informação

sobre o ECA gera mais represália dos pais aos filhos do que temor e obrigação de cumprir a lei. Os preceitos do estatuto, de cuidado integral da criança, ficam perdido no meio destas ameaças e brigas de autoridade.

## **Educação Familiar**

**Concepção de educação:** Diz respeito às concepções de educação presentes no dia-a-dia familiar. Aparecem duas maneiras principais de educar: uma dando um exemplo do que é certo para a criança, explicando verbalmente o que se deve fazer e a outra que se ensina demonstrando o que é certo de se fazer. Há aí, grande contradição, pois as mesmas mães que acham que só um bom modelo, que com muito carinho deve ser ensinado (estereotipia), falam que elas foram ensinadas com tapas e estão bem hoje (ligando a metodologia dos pais ao seu desempenho no mundo). Discriminam este método, mas se sentem discriminados por não poderem usá-los.

“(...)é que a família tem que ensinar, os princípios, os valores, o que é certo o que é errado, a criança tem que ,assim, saber o que pode e não pode, acho que é isso, isso é função da família”

“Mas no caso do meu filho, ele pega muito, ele adora o pai dele, tudo que o pai dele faz, ele tenta copiar, só que ele vai escolher o modelo primeiro A criança vai escolher o modelo, basta saber se é bom ou num é...”

Aqui se reconhece que dependendo do modelo escolhido pela criança, é provável que ela aprenda o que é bom ou ruim, se a pessoa fizer coisas boas ou ruins. Há então, uma percepção um pouco mais contextualizada, dentro da prática familiar:

(se o pai discriminar uma pessoa e diz:) Não vou ficar com ele, porque ele num vai aprender, quer dizer, ele tá discriminando, e quando ele discrimina, ele ensina o filho dele também, ele faz a mesma coisa, aí o filho vai zombar, vai falar, vai xingar, num vai querer no meio.

Ao mesmo tempo há estereotipia na fala, que diz que se deve ensinar com amor, apesar de logo se contradizer com práticas pouco amorosas. Se só há ciência do que é ensinado através do afeto, como se ensina com desafeto?

“Eu acho que a gente tem que passar pra eles também todo o amor, todo o carinho pra que eles estejam cientes do que a gente ensina”

“É fácil eles falarem o que a gente pode ensinar ou não, mas quero ver eles educarem de verdade (se referindo a ameaça da escola em denunciar os pais ao conselho tutelar). Eu nunca ia espancar pra machucar, mas assim uma cintada, uma chinelada não vai matar ninguém, a minha mãe fez isso comigo e eu estou aqui, falo, vocês tem sorte L., sorte demais, porque eu

apanhava com fio de telefone, sabe aqueles ferro que antigamente, mangueira de chuveiro, e ó graças a deus apanhamos e ninguém da problema, agora hoje em dia você quer bater, não pode bater”.

Fica circunscrita à família a responsabilidade de educar, como se educação fosse algo adquirido e estável, não contextualizado. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é dever da escola, família, comunidade e estado proverem cuidados a criança. Há uma visão, em que o processo, a história e os diversos ambientes não são levados em consideração.

“educação vem de casa, e hoje em dia tá trocado isso daí, os pais de hoje acham que a escola que tem que dar isso, se você não tem como controlar seu filho, a escola não tem que controlar, se ele não tem educação em casa, na escola ele Também não vai ter.”

### **Concepção de família**

Ideal: Está ligada a crenças de boa convivência, cooperação, respeito, harmonia, união, preocupação com o outro, divisão igualitária de tarefas entre os membros da família, divisão dos ambientes, felicidade, diversão, amor, paz... Traz o modelo tradicional de família nuclear: pai, mãe e filhos.

“família ideal tem que ter respeito (...), cooperação, se pensasse no outro, se em casa eu tivesse mais ajuda (...)”

é, to sem ajuda, to dando tudo pra da tempo pra todo mundo, dá pra você se divertir, dá você pra conversar”

“Ah, pra mim seria ter paz, amor, tranqüilidade, essas coisas.”

“seria construída pelo pai, a mãe, os filhos, né um lar, claro, né, um lar onde é uma fortaleza, com segurança e aonde, entre os pais houver a união, a paz, a compreensão. Juntamente com os filhos, né que sejam estudiosos e amorosos comigo”

A família idealizada é uma família sem conflitos. Em que há união e fala de um modelo de família nuclear. Fala-se também da casa como sendo um local importante da proteção da família.

Vivida: Famílias em formatos não nucleares, estendidas, em que normalmente se mora na casa da avó materna. Há bagunça, “desestruturação”, falta de limites, violência e métodos considerados inadequados. Há uma grande idealização da família imaginada, e por isso muita frustração. A família não deveria ser o local de felicidade?

“Ó, hoje a minha família é construída de pais, de pai e mãe separados, tô falando hoje, né, é aonde meus filhos são um pouco agressivos, né, assim, são desobedientes, não entendem a

minha linguagem, eu num entendo a linguagem deles, e assim, há muita pouca união entre os irmãos, né. E essa é a situação atual: um pouco desestruturada, né, um pouco...”

“É, existe, né, bastante amor, assim, falta limite em casa, eu num tô conseguindo por limite, regra sabe, regras, eu num to conseguindo colocar, mesmo que eu tenha que colocar as regras num tá fluindo e assim, o problema que eu tenho com meu neto, né, que ele mora comigo, é por causa dele que eu to aqui. E falta paciência, eu num tenho mais paciência nenhuma com ninguém e eu num consigo impor as regras, aí vira aquela bagunça, é isso!”

“Tem muita briga no quintal, porque são três casas, ai um ta estressado, deixa o outro estressado. A gente tenta, mas tem muita provocação, aí o outro tenta acalmar, quando vê tá mais cansada a gente tenta falar, num fica provocando, a gente tenta, tristeza, acho que tem muita tristeza também, que tem hora que você tá tão cansada, tão abalada que você chora de nervoso, você passa do seu limite. Aí você vê que você fica triste, aí você fala, puta, é minha família..porque que eu num tô feliz, aí você...de raiva, tudo de raiva. Mas é gente boa, né?! A gente é uma família que tem muito amor, que é muito unida, a gente gosta muito, a gente conversa, eu particularmente converso muito com as crianças, tanto que eu aprendo também né! Porque minha mãe apanhava muito, ela já nem me batia tanto. Já eu, num aceito bater, eu sou a que menos bate lá, eu prefiro não bater, então eu tento conversar, mas num rola sempre. Tem a harmonia sim, porque é assim, eles se unem pra fazer as coisas boas, mas principalmente pras coisas ruins, né”

Aparece muita impaciência no discurso, falta de limites e regras. A família feliz e segura, emblemática, fica para traz no cotidiano, que traz conflitos, duvidas e questionamentos.

**Práticas utilizadas:** As diversas práticas para se ensinar os filhos, são ambivalentes. Não se tem clareza do porque de sua utilização e de sua efetividade. Mas mesmo assim, conservam-se práticas aprendidas, e comuns ao ambiente sócio econômico. Apesar disso, inicia-se uma tentativa de outras práticas, tanto pela percepção da não efetividade das antigas, quanto pela introdução do novo olhar promovido pelo ECA, que apesar de ser visto pelas mães a principio como desautorizador, traz suas contribuições.

### Proibir

“minha filha, que eu tenho muito problema com ela, sobre internet, arrumou um namoradinho (...) ele é estranho total, já, não adianta bater, já proibi, entendeu?”

“pior que proibir não resolve, vai fazer escondido”

Proibir torna-se cada vez mais ineficiente na medida que a criança vai assumindo a posição de sujeito de direito. Principalmente porque não se contenta, facilmente, com regras que não entende ou não concorda.

### Bater

“meu filho teve que tomar umas porrada, pra ele aprender”

“eu cheguei a parar no hospital por causa dela, peguei, dei uma surra nela, e o amigo do meu filho tava lá. Eu quase joguei a cadeira em cima deles, ele falou: tia, larga ela que a senhora vai matar ela, eu catava os cabelo dela assim e olha aqui eu to toda roxa, por todo o corpo eu falei pra ela, me respeita”

“eu já proibi, já até bati nela por causa disso, mas não adianta não faz os trabalhos não faz os deveres.”

Bater é uma prática comum, que cada vez é mais questionada pela sociedade. Por isso, as mães diferenciam bater de espancar.

### Ameaçar

“Só que eu falava pra ele, se você tirar uma nota ruim na escola, você vai apanhar, é lógico que eu não batia nele...”

“e se você morre ou a policia te catar não vem me chamar não, hein!”

“Eu não falo não pra ele, só quando acontecer alguma coisa, a responsabilidade não é minha, só falo pra ele assim, leva a identidade que se a policia te catar, ai ninguém vai saber onde você tá. Se você morrer a policia vai achar a gente. Eu acho que ele começou a pensar mais, que a responsabilidade era dele.”

A ameaça também funciona cada vez menos, pois as crianças questionam mais os pais, que de qualquer maneira ainda acreditam na funcionalidade das ameaças. Mas contraditoriamente ficam extremamente bravos com as ameaças da escola.

### Ser firme:

“mas quando você fala não. você tem que manter, a minha filha mais velha, ela não pede duas vezes, ela ta com 19 anos hoje se eu falar não, ela já sabe que é palavra final, eu nunca voltei atrás, de eu falar não e ela: ah, mãe deixa, deixa, me pedindo. Precisa de uma posição firme.”

Ser firme se contrapõe a ameaça, e cumpre o que foi prometido. Sem duvidas tem efeitos mais eficientes, pois não dá espaços para duvidas. A consequência do ato já é prevista pelos pais.

### Ser cuidadoso:

“vamo buscar falei é quatro horas da manhã, ela vai, nos vai de novo, num tem nada que vir com outros, eu faço assim, entendeu eu brigo tudo mas eu deixo, mas quero saber aonde é e com quem ta andando, ontem mesmo eu vou deixar na escola e já fico de olho.”

“a gente tem mania...você nunca deve bater no seu filho(...)precisa primeiro sentar, se acalmar e depois corrigir, porque a raiva não é boa, não vai ensinar nada. porque assim as pessoa falam eu não bato na hora que eu to com raiva (...) ah eu deixo passar, uma hora, três horas”

“é dentro da minha casa, eu quero saber quem é, eu conversei com os meninos. Outro dia chegou 10, e eu falei pode chamar mais 20, por mim vai tendo amizade,é ou num é, é como você ta falando, é os direito deles, é os meus direitos saber com quem ele anda”

Apesar de práticas, as vezes, violentas, os pais se preocupam com a segurança de seus filhos tanto indo buscar em festas como chamando seus amigos para freqüentarem sua casa.

#### Conversar:

“Eu falava L. a mãe quer conversar, mas eles vão aumentando o tom de voz, e eu aumento junto com ele, um quer falar mais alto que o outro, aí ele acaba vencendo, né. Porque eu chego no meu limite. E aí vai pra agressividade e é melhor parar”

“Eu conversei, se eu tivesse já chegado nela, batido nela, porque você fez isso, mas com ela tem um jeito de lidar”

“é assim: eu mal começo falar ele diz: já vem, tá tá tá, chega já chega, já falou, assim ele não deixa eu falar com ele (...) sabe, mas vou falar com o seu pai, com o M. E ele não tá nem aí.”

“mas tem uma coisa que as vezes você conversando não adianta”

“através da conversa, do dialogo, você chega em algum acordo”

Há uma ambivalência no uso da conversa. É um tipo mais custoso de relação, exige paciência, flexibilidade e uma relação mais horizontal com o filho. Ora funciona, ora não. Pois quando não resolve vem sempre seguida de outra prática mais antiga de solucionar o problema. Para esta prática funcionar é necessário menos autoritarismo, que nem sempre é usado nas conversas.

#### Diferença entre gerações

“É difícil. Igual minha mãe fala assim, no nosso tempo parece que a gente tinha mais medo, a gente obedecia, a minha mãe não precisava nem brigar, só olhar, hoje eu olho, eu brigo, eu xingo, eu grito, eu faço tudo e ninguém me obedece, e continua assim, sabe.”

“é por isso que eu falo, educação é muito complicado, o que eu passo com ela, eu nunca fiz com a minha mãe, nunca minha mãe precisou fazer isso comigo, entendeu...”

“é mas é o que eu falei: nós apanhava, apanhar é normal, não é espancar, apanhar é uma coisa, espancar é outra é isso que eu coloco pra eles, só que antes apanhava e calava a boca, então você está batendo e eles estão falando.”

“Elas cobra da gente, só que eu falei pra professora, essa droga desse poder que eles estão tendo (por causa do ECA), está ferrando a gente, porque eu nunca respondi pra minha mãe, e o dia que eu tivesse de responder, eu já ia levar um tapa na cara, sem dó. E agora vai bater nele, é capaz dele baixar a mão e ainda segurar você (...)”

“Minha mãe fala: pelo amor de deus, porque na minha época, ah se o filho falasse ‘ah pai!’ Eu falei com ele: na sua época, aí teve a sua época, não ele falou: só teve a época da sua avó, depois teve a época da sua mãe, depois teve a época sua e assim vai, eu tive a minha, agora o filhos vão ter a deles, os meus filhos vão ter outras, e assim vai, num adiante a gente quer que os filhos da gente sejam, como era antigamente, né?! (...) Se não eles seriam uns bobões”

Parece que há uma falta de referenciais para se lidar com essa nova geração, pois as práticas antes utilizadas, não funcionam mais, deixando as mães, muitas vezes, inseguras de como proceder com seus filhos. Além das práticas antigas não serem muito efetivas, muitas delas como bater são agora, com o ECA, consideradas crime. O que deixa as mães irritadas, pois elas foram criadas assim, e deu certo (elas atribuem o seu presente a educação coercitiva recebida de seus pais). Reconhecem que hoje é uma “época” diferente, mas fica a dúvida, como educar os filhos?

**Autoridade x Liberdade:** Há um grande conflito, na definição de autoridade. Muitas vezes é entendido como autoritarismo. Isso elimina qualquer possibilidade de liberdade. Ao mesmo tempo, considera-se que liberdade é importante, mas com limites, que dificilmente é conseguido na relação familiar.

“Porque a gente às vezes acaba perdendo a paciência, fala brigando, batendo, põe de castigo, grita...”

“Ela não dá liberdade pra menina. Ela é minha cunhada e eu sei de tudo, prende a menina que é uma coisa”

“porque você só tem que dar liberdade impondo a coisa certa, tal horário, se você passar tanto do horário, você não vai mais, mas dá liberdade, porque assim, todo mundo vai, mas bota um horário certinho”

“(...) daqui a pouco ele vai ta batendo em mim, e eu não vou poder bater nele porque o conselho tutelar acha que ele é o coitado, e eu sou o cão, sabe? Então pensei: você tem que ver, o lado da criança, sim, o meu filho não vive apanhando, não vive jogado, não passa fome, procuro dar o máximo que eu posso, né! E as vezes a gente até faz o que agente não pode, eu falei assim: vocês tem que ver o lado da gente também!”

“Aí você dá carinho, já acha que vc abre demais, e assim vai né? Fico na duvida”

“Eu acho que hoje em dia a disciplina é muito, vem muito da liberdade, se dá muita liberdade às crianças, depois não tem mais controle sobre elas, eu acho que é isso.”

“O ECA ele tirou a autoridade da gente, dos pais (...) posso ir preso, posso, mas na hora eu vou sair de lá, e você vai sentar comigo e eu vou falar de novo, e é bem nesses termos já, uma hora você vai apanhar.

“virou farra essa liberdade. Eu prefiro o antigo mesmo, sem dar essa liberdade”

Esta discussão sobre liberdade/autoridade esta ligada a discussão anterior de práticas das diferentes gerações. Hoje, o ECA, traz um olhar sobre a criança de sujeito de direitos. Tirando-a da posição de objeto dos pais, com isso traz um olhar mais horizontal e igualitário sobre a criança, contrario ao autoritarismo e ao excesso de poder dos pais. Só que estes pais foram criados sobre outras regras, com eles não era

assim que funcionava. Por isso, muitas vezes, se sentem desautorizados pelo ECA. Além disso, práticas autoritárias são encontradas em todos os outros ambientes da vida tanto dos pais como das crianças (como foi mostrado no primeiro item: contextualização do mundo/ da realidade).

**Sentimentos (das cuidadoras mulheres):** Trazem o não reconhecimento do seu trabalho feito, principalmente porque a maioria das mulheres trabalha em casa. E com isso, têm que estar diretamente com os filhos, o que gera conflitos e desentendimentos. Há uma sobrecarga, pelo acúmulo de tarefas que a mulher hoje tem que realizar, e com isso, a impotência, de não conseguir desempenhar um bom papel de mãe/ avó em todos os momentos. Além disso, há sempre o sentimento de estarem sendo testadas pelos filhos (que não reconhecem seus esforços e as desrespeitam). O não saber como lidar, dentro da contradição autoridade/liberdade, colabora para este sentimento de impotência e esgotamento.

#### Não reconhecimento

“Eu sofri muito com o D. era assim também, ‘eu gosto do meu pai mas não gosto de você não, porque você é muito chata’.

“Ai eu brigava com ele eu era a “madrasta” e ele era o papaizão”

“Ninguém reconhece o que você faz de bom, só tem que ouvir reclamação”

Se sentem na posição de ruins, más, que só ficam com a parte das reclamações.

#### Impotência

Quando eu fui lá na PUC lá, é porque, assim, lá na PUC eu ficava conversando com uma psicóloga, né, e ficava uma outra atrás do vidro, né, ficava vigiando. Eu falei o que adianta vocês falarem, não bate no seu filho. Porque eu vou bater! (RS...) se vocês falar assim pra mim porque, ah, coitadinho dele... Coitadinha de mim!!! Eu não agüento mais.

“eu já passei com o D, o que você esta passando, acho que é um teste de resistência que eles faz com a gente...

Eu Também to achando, mas a minha resistência já era...”

“pra mim também é complicado. A gente vê a situação, a gente tem que ter uma postura, uma firmeza diante da situação né?! E ás vezes eu não tenho... acabo, me deprimindo também, diante da situação, não consigo resolver”

Não se sentem com capacidade de resolver ou mudar certas situações. E por isso se sentem fracas e sem resistência.

## Sobrecarga

“Eu sou vó e mãe ao mesmo tempo (...) eu não posso nem me dar ao luxo de adoecer, sequer adoecer, que aí senão ele fica (o neto), eu fiquei internada, duas semanas (...) e o menino ficou, assim, transtornado ele ficou.”

“Direitos iguais, blablabla, porque eu já sou empregada do meu marido. Não quero ser empregada deles. Ser do pai, agora vai ser dos filhos também, pelo amor, né! (se referindo ao ECA)

“...mas diante dessa situação aqui, eu estou de pés e mão atadas, muitas vezes eu não consigo administrar nem com ele mesmo (com o neto)”

“Aí ele (marido no telefone) Ah, resolve tudo, to trabalhando! (...) ele: fala com a sua mãe a sua mãe resolve. Aí, ele joga tudo pra cima de mim.”

“Hoje você tem que ser tudo: economista, a cozinheira, vira tudo, tem que fazer de tudo, e ainda tem que ser a psicóloga, né?! Olha tem que fazer tudo mesmo (...) tem que ser mãe, pai, tudo junto.”

Sentem-se sobrecarregadas, com diversas funções, tanto de pai, mãe, avó, cozinheira, psicóloga, etc. Precisam se desdobrar para poder cuidar bem dos filhos, gerando muito desgaste.

**Dividindo responsabilidades.** Mostra uma tentativa das mães em dividir os problemas de seus filhos com os pais, que muitas vezes, por trabalharem fora, se sentem já fazendo sua parte da divisão de tarefa de cuidar dos filhos.

“O meu (marido) apoiava nisso também, se eu dava uma ordem, ele não me deixava mudar, agora hoje em dia, a gente divide, porque depois que eu comecei a fazer,(...) eu aprendi a dividir as responsabilidades com ele, antigamente era tudo eu, hoje em dias eu falo assim,não hoje em dia a gente tem responsabilidade igual 50% eu, 50% dele, então a decisão hoje a gente toma em comum, ele tá preocupado, antigamente ele falava: liga pra sua filha, e pergunta onde que ela está, hoje em dia eu falo pra ele: você quer saber da sua filha, liga pra ela, a hora que eu quiser saber eu ligo, aí ele liga pra ela e pergunta: onde é que você esta? Ta demorando muito,você vai chegar a que horas, onde que você foi? Ele pergunta, então.

“... porque ela achava que era só eu quem cobrava, eu que ligava, que era a chata, hoje em dia eu falo pra ela: você ta vendo que muitas vezes eu cobrava de você porque seu pai me cobrava, eu falo, ah, liga pra ela: não chegou ainda! não tem horário pra chegar? hoje eu aprendi a dividir”

Esta postura diz respeito a três eventos importantes. O primeiro é a o discurso da igualdade dos sexos, que nos dias de hoje é assumido, levando a responsabilidade dos filhos para os pais também. Outro evento é que muitos pais são separados, existindo a necessidade de se dividir diferentemente as obrigações dos filhos. E também, que o ECA dilui a responsabilidade da criança para todos os integrantes da sociedade, logo da família também.

**O Lugar do filho:** Por estas diversas dificuldades na relação filho/família/escola, o filho é muitas vezes percebido como um problema, pois além de trazer muitas responsabilidades as mães, não há um “reconhecimento” integral de sua forma de dedicação ao filho. Somasse a isso, que as crianças são vistas como limitadoras da vivência da mulher, pelo grande acréscimo de responsabilidades e tarefas, principalmente para as mulheres que são donas de casa.

### Problema

“a gente reclama quando é pequeno, mas é besteira, porque depois quando já é adulto dá mais trabalho (...) tinha um professor que falava: filho pequeno, problema pequeno, filho grande, problema grande (risos)”.

“é, filho, é filha, só num vai dá os problema quando sobe, quando morrer, que tá fechado no caixão, porque o resto...”

“Filhos, é problema. Eu falo pra eles ai meu deus! L., eu falei gente, o povo tem medo de ter filhos, dá muito trabalho, quem quer ter?”

“Todo mundo fica chorando quando descobre que esta grávida, doente, é porque esta grávida, hoje em dia as criança são vistas como um problema.”

“Falo com as minhas amigas, acho que isso é uma coisa da nossa geração. Pra que que eu vou casar? Pra que que eu vou ter filho? Pra que uma criança, pra ficar presa, te segurando. (...) Fica preso, pra não poder sair.”

“Mas é isso que a L. fala: mãe, você deixou de viver , pra cuidar seus filhos. Eu não quero, e o D. (o filho mais velho) falou: piorou, eu que já vi vocês nascer, não quero nem saber

“Eu já vejo, com as minhas duas sobrinhas, as minhas 3 sobrinhas, eu falo: criança é legal cara, só tem um hora que te estressa tanto e. você pega uma raiva. É bom pros outros você fica, eu olho, to aqui né, mas depois, vai embora, não fica na minha cauda o dia inteiro, essas coisas”

O filho é visto como problema por somar muitas responsabilidades e atividades no cotidiano da mulher. O que é visto pela nova geração como um empecilho, pois atrapalharia a vida da mulher, privando-a de sair e ter uma vida independente.

### Companheiro

“... sempre digo pra ele, amigo seu, sou eu e seu pai.”

“ Minha filha mais velha é a minha melhor amiga.”

O filho é visto como amigo, devendo se apoiar e contar com a ajuda dos pais. Que são os únicos que verdadeiramente estarão por perto sempre.

### Não desejado

“eu falo pra ele assim ó: que eu tive certeza que eu quis, falei: quero! Foi o D., porque depois disso veio um atrás do outro, e cada um de um jeito, o D. eu peguei tomando a L. tive que parar, desmaiei, estouro a camisinha, me ferrei. O I., eu voltei a tomar remédio, fiquei grávida tomando remédio, quando fui parar no metropolitano, desmaiei, aí a vizinha minha levou pra casa chamou o meu marido. Tava de dois meses com a barriga desse jeito aqui, quando o medico falou você esta grávida de novo, eu chorava, mas eu chorava...”

Muitas vezes os filhos nasceram sem o controle ou planejamento dos pais.

#### Desejado

“é, como eu planejei, a primeira, e uma eu não engravidava, eu fiquei 7 anos, aí o meu esposo teve que fazer uma cirurgia, depois da cirurgia, ele deu um ano, aí eu engravidei, aí depois, essa daqui me veio assim, ela né, porque eu pensava assim, porque depois de 2 anos, da pra programar o 2º, porque a gravidez pra mim não, eu não tive problema nenhum, sabe, foi uma beleza, as duas assim, então não tive nada, eu não tive enjôo”

Ter filhos, ainda é o desejo de muitas mulheres, que mesmo com dificuldades, planejam e esperam por filhos. Pelo menos, pelo primeiro.

**Crenças e olhar sobre a criança/adolescente:** Dizem respeito a um senso comum, não crítico, que explica alguns dos problemas, de maneira descontextualizada de uma realidade e naturalizando os sujeitos de maneira geral, criando relações de causalidade entre alguns fatos, de causa e efeito direto, desconsiderando outras relações mais amplas, e o que pode estar mantendo tais relações específicas.

#### Personalidade

“que nem meu neto, né, eu acho que ele é o mais novo, do grupo aqui, ele tem só 3 para 4 anos, e o fato de a minha filha ter se separado, já gerou ele não falar, ele não fala, ele não fala, ele só brinca nuns gestos, e ele se dá muito bem, mas não fala, né, então através disso houve”

“como ele já tem 1 aninho, vai fazer 1 aninho, quero ver se vocês seguem meu raciocínio, entendeu ele já tem um aninho, então assim ele já tem uma personalidade de que ele não vai ser, uma criança fácil de lidar Também, ele vai ser aquele turrãozinho, ele quer por que quer, e, ele vai fazer! ele vai apanhar, mas vai fazer, entendeu, então, acho que assim, então...”

“As crianças de hoje em dia são muito violentas”

“mas eu acho que tem um troço maldoso dentro dele (explicando atitudes agressivas do filho).

“Ela tem 3 anos, ela é mais geniosa, mais brava, ela é tudo, aí tem vezes que ela tá lá brigando(...)

A criança parece já nascer com uma personalidade formada, sem relação com o ambiente, ou com os próprios comportamentos dos pais.

#### Motivação dos filhos

“mesmo meu filho não aceita dialogar, né”

“eu vim procurar aqui, assim, porque q ele tá nervoso, ele tem pai ele tem mãe, mas ele mora comigo, nem o pai nem a mãe querem assumir ele, né, então problema, ele dá na escola, desconta tudo lá na escola.”

“E que a gente, eu, tô com a guarda de uma criança, né, ele tem 8 anos, é que a mãe tinha sido presa, só que ela foi solta, só que a guarda tá comigo, ainda, então ainda tá difícil porque, ele fica rebelde, ele tá rebelde na escola, ele tá rebelde em casa, então a gente num tá podendo lidar com a situação, também com uma mãe dessas.”

“É que ele é meu sobrinho, então ele fica lá embaixo e minha mãe fica com ele., então eu fico com mais trabalho, porque eu levo ele pra escola...que ele agora começou a mentir, que ele agora começou a xingar, ela não pode falar dele, que ele começa a chutar as coisas, então é complicado”

“Eu falo pro meu sobrinho: você quer ver a gente louca, quer ver eu gritando, acho que eles fala isso pra ver se a gente é... normal.”

“só que eles querem tudo pra eles, quando você pede alguma coisa, eles faz numa lerdexa só pra te irritar...”

“é que eu vou dizer pra você: também é que gente é, assim , que eles tentam chamar muita atenção da gente, a gente tem é que chamar mesmo, mas é desde o começo, ele vai chamar sua atenção se é pro bem ou pro mal, mas ele tá chamando”

Fala das crenças ligadas as causas dos comportamentos dos filhos. Pode ser desde separação dos pais, que explica nervosismo do filho, a gritar com finalidade de ver se a mãe é normal. São amplas as possibilidades de causas dos comportamentos, que normalmente são internas.

#### Diferenças de gêneros.

“ainda mais que o menino é mais imaturo, né, não sabe que o homem demora, né, a mulher amadurece mais rápido eu acho né, a gente tem um amadurecimento muito rápido, e eles tem uma coisa que o meu filho de 13 anos tá uma criança, ele não pensa nesse negócio de ver revista de mulher pelada, de sexo, ele é uma criança, o eu é difícil hoje em dia encontrar, eu vejo neles uma criança, tem uma cabeça de criança, gosta de brincar de carrinho, vídeo game, rolam com cachorro”

“Não, ele num gosta que, assim ele num gosta que ela fica no meio de menino, brincando no meio de menino, aí eu falo assim, mas o que que tem ela ter amizade com menino, não é nenhuma, sabe, é a coisa mais normal do mundo. Fica passando batom na boca ai e só a bonita no meio dos meninos, porque não vai lavar uma louça, limpar uma casa? Aí eu fico quieta.(mãe explicando a relação de seu filho mais velho com sua filha caçula)”

“Ele me falou que não. Assim, ela vai e beija um, o amigo vai e beija, vai outro beija, eu não deixaria a L. ficar com essa menina, porque: tia, eu já peguei, o D. já pegou, o fulano já pegou, e o outro de 22 anos já vai pegar Também, você esta ouvindo L.? (proibindo sua filha L. de andar com uma amiga)”

“eu acho mais fácil lidar com uma menina do que com um menino, o M. já descobriu o meu problema que eu preferia ter 10 mulher do que ter um menino, eu num tenho paciência com

moleque, ele falou: eu já descobri qual é o seu problema (...) já falei, sou, sou totalmente contra homem”

Por mais que se encontre um discurso de igualdade dos sexos trazido pelas mães, estas muitas vezes se mostram mais permissivas com seus filhos homens, lhe concedendo direitos distintos aos das filhas mulheres.

**Sexualidade** É um assunto que é tratado pelos pais com certa dificuldade. Há uma maneira, às vezes sem crítica, de proteção dos filhos, através de ameaças e exageros, talvez, pela percepção de que o jovem não seja capaz de se responsabilizar por suas atitudes.

“e quando arruma namorada, você fica preocupada com seu namorado, é assim complicado (...) eu falo pro D., toma cuidado com essas camisinha, vê se as menina toma os remédio, tudo direitinho, pelo amor de deus, porque mesmo assim eu tenho medo, eu falo ó a L., ta aí ó tá vivinha, pergunta pro teu pai, o que aconteceu.”

“Não vai mesmo (impedindo a filha de ir a uma festa). L.: se elas vão dar o problema é delas não é eu que estou dando. Desse jeito(ela disse) pra mim, aí eu falei: cala a boca L., chega! Você não vai e acabou, e aí o D. foi, pegou a maquina filmou, aí falou: vem assistir, L., tá aqui ó, juro por deus a menina sem calcinha de frente pra um amigo do D., sem nada, você vê direitinho, o moleque aqui e a menina aqui, sem nada...”

“quando a minha filha tiver a idade dela, ela vai, deus me livre, ela vai saber a hora de ir e vir, entendeu, ela vai saber, eu vou sentar, com ela, que nem eu falo pra ela, menina menstruou, ginecologista, pro ginecologista explicar, porque assim, eu converso com a minha filha como sua amiga, mãe, comum né (...) mãe dói fazer neném? falei: dói! Você acha que a injeção dói, é uma dor que parece que você vai morrer, assim ó, ah então eu nunca mais quero, é se você não gosta de dor(...)”

Falar sobre sexualidade é comum entre os pais. Porém, ainda é difícil observar um dialogo que evite uma visão estereotipada (diferenças de gêneros) e exagerada dos fatos.

**Configurações de famílias:** As famílias, em sua maioria são constituídas de pais separados, e em muitos casos as mães voltam para a casa da avó de seus filhos (mães da mãe, normalmente), nestas situações. Há um hábito comum nesta classe socioeconômica de se construir “puxadinhos” para ir agregando a família estendida. Isso, muitas vezes, acaba gerando um acúmulo de pessoas em espaços pequenos, entendidos como complicador dos problemas familiares. Além disso, as separações são vistas como problemáticas e geradoras de problemas nas crianças.

“O meu problema é a relação, é a separação é essa questão dela com a nossa separação, e o sofrimento dela, porque ela sofre, ela é rebelde com a irmã que é mais nova, ficou com rebeldia, tem, agressividade”

“... que nem meu neto né, (...) ele tem só 3 para 4 anos, e o fato de a minha filha ter se separado, já gerou ele não falar, ele não fala, ele não fala, ele só brinca nuns gestos, (...) e agora quem cuida dele sou eu

“eu falo, eu tenho 4 cada um é de um jeito, e aí o negócio pega! Mais a mina irmã e a mãe... e eu fico só olhando, um, outro (...) um eu digo que eu tenho de bater o outro eu digo que não tenho de bater, o outro eu tenho que falar, o outro eu tenho que gritar, então é assim, eu falo, se eu não fizer isso, menina, eles pega mais me mata, eu falo pro meu marido, os vizinhos devem pensar que tem um monte de doido aqui dentro”

“meu sobrinho já sofreu discriminação, porque ele é negro e a gente é branco então todo mundo fica meio assim, ah sua tia é branca e você é negro. Ele chora muito porque fala que quer ser da minha cor, porque ele num gosta da cor dele, já sofreu discriminação por causa da cor e por causa da mãe dele também, ele morre de vergonha, um dia falaram da mãe dele, ele morre de vergonha, porque a mãe dele já foi presa, então, ah então é negro então é filho de bandido é bandido , então ele não fala da mãe dele pra ninguém, ele morre de medo se pergunta da mãe dele ele muda de conversa, só que ele sabe que, na escola dele ele fala num conta pra ninguém tá, que ninguém fique sabendo, ele fala assim, ele morre de vergonha” ( Tia, adotiva contando os problemas com seu sobrinho)

“madrasta é que nem casamento no inicio são flores depois são os espinhos, aí ele, eu vou morar com a minha tia, com meu pai com a tia. E eu: L. deixa eu sentei com ele de novo, mãe eu agüento de você desaforo, eu agüento de você mal criação, eu agüento de você desorganização, eu agüento de você mau humor, se você sentir uma dor de madrugada, eu sem preguiça nenhuma, vou levantar, vou te acolher,vou te medicar, sabe, madrasta não, porque eu ainda não morri, mas a mulher atual dos eu pai, ela não admitir porque você não é filho dela (...), falei L. só tem reclamação de você. Com a sua avó não deu, com sua madrasta não deu, é difícil.”

Vários tipos de família são observados nos discursos, que trazem algumas crenças estereotipadas em suas constituições como: separação gera problemas na criança e madrastas, são más e não sabem lidar com enteados. De qualquer maneira apontam para agrupamentos diferentes das famílias tradicionalmente nucleares, apesar delas serem consideradas as melhores, tendo em vista estes estereótipos reproduzidos.

## **Educação Escolar**

**Concepção de educação:** Propostas pouco motivadoras, e uma perspectiva de futuro muito pouco vinculada ao conhecimento parecem não fazer parte da percepção das mães, que não vêem com muita criticidade as propostas da escola, e não entendem como seus filhos não se interessam. O aprender da escola, está ligado a um saber técnico, simples, que irá ajudar a arranjar um emprego e condições de trabalhar,

difícilmente a uma faculdade, visto que não há condições materiais de entrar em uma faculdade pública, por isso, às vezes parece que nem vale a pena tentar. A responsabilidade deste fato ora cai sobre o aluno, ora sobre o professor. Pouco é pensado na questão como dentro de um contexto social. A escola, também, aparece com um local para ocupação das crianças, para alívio dos pais.

“... a escola, a função da escola é: Ensinar, a criança, né, porque ela tem que conseguir um emprego depois, uma boa faculdade, essas coisas...”

“a escola vai dar condição. Como eu falo com as minhas crianças: a escola é pra vocês estudar”

“ bom estudo, uma qualidade de estudo, que nem a gente que faz a escola pública, não dá pra poder entrar na faculdade de graça, (...) não consegue. Você tem que pagar (...) quando pode”

“(...) gente trabalho de lição de casa, mas a culpa disso (dele não ir bem na escola) eu vejo pelo meu filho, é assim, 70% dele, que é só entrar na internet, imprimir um negócio, você tá entendendo? Num faz.”

“a professora do meu sobrinho fala: os pais de hoje pensam que a gente tem que educar o filho que não tem educação eles culpam a gente, mas é mais fácil culpar o outro do que se culpar. É mais fácil jogar a bomba na mão da escola”

“A minha amiga, ela é professora, e ela foi nessa escola. E ela tem uma menininha ela até estava contando pra gente, terrível. Ela falou assim p/ ela: não vai ficar nem um dia só em casa? - a senhora é doida tia, a minha mãe já falo: você só dentro da escola, aqui em casa não te quero. Desse jeito, minha mãe falou que eu sou muito terrível, eu tenho que vir pra cá e sair só o fim da aula. Aí a mãe, ela pegou, falou assim, nem doente eu quero ele lá em casa, ele é muito terrível, a senhora dá um jeito nele aí.”

“é isso mesmo, eles jogam, eles jogam a criança na escola e como a nossa diretora aí falou: aqui é depósito de criança, as mães jogam e se vira, e é verdade. (...) é pra se livrar dos filhos, é os minutos que eu vou ter de paz, as horas que eu vou ter de paz.”

“A minha prima ela tem 3 meninas, e ela fala: a filha que eu mais gosto é a B. que é a do meio, porque ela ta no EMEI, ela sai as 7 horas da manhã e só volta as 4 e meia 5 horas, porque ela vai e volta de perua então depende do dia, e ela falou”

Educar aparece discriminado de ensinar, a primeira é entendida como função da escola, já a segundo é função da família. Essa esta mais relacionada a valores e maneiras de se comportar, como se a criança tivesse um mesmo padrão de comportamento em todos os ambientes, independentemente do que o ambiente oferece. Esse pensamento parece não ser apenas da escola, mas da família também que deixa seus filhos na escola, para se livrarem de um problema. Como se a responsabilidade pelos comportamentos inadequados (parte do problema), não fosse muitas vezes, reflexo, de práticas familiares extremas e ambivalentes.

### **Práticas utilizadas pela escola:**

**Adequadas (segundo os pais):** Expressam ambivalência entre valores mais tradicionais de educação formal, no qual o professor é autoridade máxima, na sala, e valores de educação mais democrática, em que o professor percebe a potencialidade do aluno, respeita-o, dá espaço para ele se expressar.

#### Voz ativa do aluno

“Acho que é uma coisa boa hoje em dia que o aluno pode participar, ele tem voz ativa, antigamente às vezes não podia dar uma opinião, pra melhorar a escola, alguma coisa, hoje em dia a gente pode

#### Acesso para deficientes:

“Ele falou assim: ah, mãe, pelo menos pensaram nos deficientes colocaram, né, elevador, rampa.”

#### Colocar para fora da sala de aula

“acontece o seguinte, na sala de aula tem aluno que não quer estudar, eu sou a favor, na minha é poça, o professor falava assim: você não quer estudar, vai pro corredor, pátio, mas não vá atrapalhar minha aula, hoje em dia eu conversei com um professor, ele disse que não pode colocar o aluno pra fora da sala de aula, se colocar pra fora, vem um coordenador, vem, alguém, a criança tem que ficar aqui dentro, mas a escola tem que resolver;”

#### Ser autoritário

“Positivo, eles eram mais enérgicos eles impunham respeito...”

#### Lição de casa

“lição de casa, tem de ser, é uma coisa muito boa, ajuda a entender (...) Escola pública só dá trabalho...”

#### Valorizar os alunos

A professora do L. falou que ela tem dó dele, é que ela conhece a capacidade que ele tem, mas ele não usa, ele gosta de brincar, fazer bolinha e ficar jogando (...)

A maioria dos itens, trazidos pelos pais como adequados, dizem respeito a esta força instituinte de maneiras de lidar com as crianças sugerida pelo ECA. Essa protege e valoriza a criança, estabelecendo relações mais igualitárias e democráticas. Por outro lado, ainda aparecem maneiras autoritárias de lidar como adequadas, apesar de aparecerem em menor número, mostram que a educação nos moldes tradicionais, em que há centralização do poder nos pais ou professores, ainda é valorizada em alguns aspectos.

**Inadequadas (segundo os pais):** Estas práticas em sua maioria, são utilizadas pelos próprios pais na educação de seus filhos. Discordam delas, mas usam-nas. Elas dizem respeito a um ambiente em que a violência acaba impondo certos tipos de relações

coercitivas. Estas práticas também falam de medidas não são mais totalmente eficiente e suficientes para o controle do comportamento dos filhos, como antigamente acontecia.

### Resumo

“então, mas sabe qual é o problema? vocês não vão acreditar, sabe o que que ela faz? Bom dia! Resumo, resumo, resumo, ler e resumo, ela desce lá embaixo sobe com um pacote de bolacha, um suco e aí fica sentada, deste tamanho! Mãe, parece um bolo fofo, só comendo, comendo, a gente vai viver de resumo até quando? Eu to cansada de fazer resumo ..

### Ameaçar

“eles ameaçam assim: eles só querem saber, eu vou lá e ...ela tentou me expulsar,(...)

### Gritar ,

tinha uns professor que chegava na sala, chegava gritando, pô aí que num vai....porque a partir do momento que a pessoa briga com você, ela perdeu o respeito, então se o professor tá gritando a gente vai gritar que nem ele, aí que acaba em confusão.

### Discriminação

meu filho, porque ele foi rejeitado na escola, né, e a professora não gostou muito dele desde o primeiro dia, num queria ele na sala de aula, ele, eu fui levar, não vem colocar barreira pros meus filho, então o q que aconteceu?, teve tantas coisas dele não fazer a lição, dele passar mal, perder a escola.

fazer isso como ela falou, como uma delas falou, eu num sei quem foi, que ameaça expulsar seu filho da escola, eles querem transferir o problema que eles tem lá na escola pra outra escola

### Não repetir

esse negocio de passar (de ano), sem saber ler nem escrever, educar eles é fácil, como eu falei pra vocês.  
não quer saber se aprendeu, não aprendeu, já ta passando

### Expor o filho

,..... mas geralmente a professora, quando ela tem alguma coisa pra falar, ela faz ..... geralmente pra todos os pais, você espera no final que eu preciso falar com você, você Também espera que preciso falar

### Suspensão

ele falou: ah, mas as vezes é bom que eles me coloquem de suspensão, porque assim eu fico em casa vendo televisão, jogo vídeo game, até parece que vai ficar jogando vídeo game. Eles adoram isso.

### Castigo físico

os professor que batia antigamente, tinha a palmatória, ficava de castigo

### Passar trabalho

escola pública só dá trabalho, trabalho disso, trabalho daquilo.(...) Só tem que copiar e colar da internet.

### Ser sem paciência

Porque a outra professora, vem com autoridade gritando com ele, isso não resolve, .mas quando a professora chegou e falou direito com ele, ele foi, sabe. as coisas com ele no grito com ele não funcionam

#### Não resolver os problemas, encaminhar

e eles mandaram que ele fosse pro psicólogo, por casa do comportamento, ele é muito nervoso, né e assim

É muito interessante notar que a família vê a escola com diferente possibilidade de autoridade sobre seus filhos, pois não permite que utilize práticas punitivas. Diferentemente do âmbito da educação familiar, em que a própria família é permitida a usar tais práticas. Instala-se aí uma contradição de aceitação de certas práticas. Parece que com o distanciamento do olhar é possível observar os efeitos colaterais de tais práticas, que ensinam as crianças, indiretamente, a se utilizarem de formas coercitivas em suas relações.

**Avaliação do desempenho da escola:** São avaliações comparativas, de maneira geral entre as escolas públicas e privadas. Além disso, é qualificado o nível do ensino, como sendo ruim e muito desigual em relação ao ensino das escolas privadas. As mães mostram-se participantes, olham o material dos filhos e avaliam-no.

#### Escola particular x pública

“Minha filha estudou até a quarta série do particular, ela teve um ótimo assim, uma ótima base. Já o meu filho foi p/ escola publica porque eu não tinha como pagar, mas você vê o conteúdo dos livros você vê a diferença de matéria, todos os dias ela tinha lição de casa, e não era uma só, era português era matemática, ela sempre tinha coisa para fazer em casa”

“A mais velha foi fazer prova do ENEM, ela não sabia várias coisas, a minha irmã não sabia e a minha irmã é mais velha que ela, ela (e estuda na escola particular) tem 20 acho que ela tem 19, minha irmã tem 23 (estudou em escola pública)”

“... porque a mesma prova que vem pra cá, vai prá particular, mas os das particular responde corretamente, a gente não...”

A escola pública aparece defasada em comparação a escola particular, que oferece mais subsídios para o bom desempenho do aluno.

#### Nível dos exercícios

“Não sei se alguém aqui já teve a curiosidade de olhar os livros (...) vem um caderno de exercícios que, eu acho ridículo aquilo, que eu tive de procurar num dicionário o significado do que queria dizer aquela pergunta, eu não tô lembrada vou até trazer na próxima pra você ver, eu que sou uma pessoa, com 41 anos, tive de procurar um dicionário pra entender aquela pergunta.”

“A minha filha falou assim: ó não tem esse negócio que eles fizeram, prova, não sei o que é, da escola aí, pra saber como é a escola, a L. falou: não vou mentir pra senhora não, eu parecia o Ronaldinho: só chutava, não sabia de nada”.

Os exercícios aparecem como pouco planejados para a idade dos filhos, exigindo o conhecimento de palavras difíceis para sua execução. Este fator pode aumentar o desinteresse do aluno em realizar as tarefas da escola.

#### Do ensinar:

“Eles ensinavam, nos estudos, bem que melhor hoje, por que no primeiro ano a gente aprendia a ler e hoje a criança vai até a 3ª, 4ª e não aprende a ler, tem dificuldade, tem reclamação das dificuldades do filho e a escola vem e chama você para reunião fala que seu filho que não quer nada”

“(…) acho que o ensino hoje ta muito ruim.”

Há um descontentamento geral das cuidadoras com a educação na escola, que parece não cumprir suas obrigações básicas como a de alfabetizar.

**Segurança** Há um ambiente permeado da violência, que se instala dentro das relações de maneiras mais sutis e de maneiras mais evidentes. A presença de brigas, tráfico e drogas dentro da escola, assim como, dentro da região acaba, por mais que se tente fazer algo a respeito, como uma coisa comum e natural dentro da escola. Há uma naturalização, pelo descontrole e o não funcionamento das tentativas de mudança.

“mas quando eu estudava tinha, á noite, ao menos a noite tinha, um guardinha ficava lá na porta da escola, tinha gente brigando, o policial esta aqui, tinha gente se matando aqui de porrada, arrancava cabelo, e ele ficava olhando, enquanto os inspetores da escola não vinha separar a briga, eles não faziam nada simplesmente,os inspetores, eles levavam la pra baixo pra resolver ou se tinha que levar o cara pra delegacia de ensino. Isso, só. Então pra que que tem esses cara eles não resolvem nada”

“ela falou dos estudos, acho importante a segurança, porque hoje em dia (...) se eu que sou eu( está fora da escola), sei que amanhã vai ter uma briga, você acha que a diretora que esta aqui dentro não vai saber?”

“... se entra droga como eles falam que entra e sai briga (...) tem gente que entra armado na escola, mas se você é X9 (denuncia) na escola você morre, então você fica quieto (...)eles marcam a hora da briga, eles combinam tudo”

“e os gambézinho da Ronda escolar fazem o que? Não faz nada, fica olhando, pode estar se matando não faz nada, eu já vi duas meninas se pegar saia sangue, vai a cadeira que voa, a gente tava no intervalo, as meninas se pegaram por causa de menino, eu estava aqui e os gambé só ficaram lá dentro conversando como se nada estivesse acontecendo”

Há vários mecanismos, que permitem que a violência dentro da escola se perpetue, como não poder denunciar quem entra com armas, pelo medo de virar alvo

da violência; a intervenção das mães não é aceita pela escola e os policiais presentes que parecem não cumprir sua função de conter brigas. Todos estes aspectos colaboram para a continuidade de práticas extremamente violentas na escola.

**Autoridade x liberdade.** Há, assim como nas práticas de educação familiar um olhar que confunde autoridade com autoritarismo. Há uma predominância, de olhar o ensinar como uma prática em que alguém detém o poder, verticalmente. Mas é um movimento que traz relações contraditórias, pois há um início de espaço para práticas mais democráticas. Principalmente, porque o jeito autoritário funciona cada vez menos. Mas as delimitações entre o que é liberdade e autoridade permitida, de maneira a produzir uma boa prática, são uma dúvida.

“o que mudou é o respeito porque o aluno, já não tem mais respeito pela professora, e o professor tem medo hoje em dia dos alunos”

“Também traz uma coisa ruim que aí você dá liberdade e eles já acham que, são os donos da escola e já querem mandar na escola...”

“É tudo, né, é medo, acho que o professor tem medo, você vai brigar com o aluno, o aluno vai vir pra cima de você, então cê num sabe como lidar com isso, acho que também o professor hoje em dia num sabe nem lidar com o aluno, tem professor, tem professor que já não tem mais jeito, né?!”

“Acho que, acho que antigamente conseguiria né?” (...) porque era diferente, né, tinha o medo, o professor aumentava a voz, pronto!”

É muito tênue, para os pais a linha que separa o autoritarismo e a autoridade, ficando muitas vezes indiscriminados. O medo parece fazer parte dos controles que eram necessários para manter o aluno disciplinado, medo este, que hoje não existe. Há uma inversão de poderes, os pais acham que os alunos hoje possuem este poder. Deixando os professores com assustados e sem saber como lidar.

**Culpabilização da família ou da criança.** Indica o entendimento da responsabilidade das falhas no ensino como “culpas” individuais, com foco em alguém e não na própria situação de ensino.

“Eles são terríveis...”

“eu conheço o L, então assim, eu sei, vamos por assim, que de 100%, entendeu? 70%, ele que faz a situação dentro da sala, ele não tem, se ele não tem em casa vai ter dentro da sala (respeito)? Não vai ter, gente trabalho de lição de casa, que é só entrar na internet, imprimir um negócio, você ta entendendo? Num faz.”

“e você vai vendo assim os estudos, as vezes não é nem culpa muito da professora, é, mas eu acho que o desinteresse dos alunos, faz com que ela, desmotivem ela também a querer trazer o que elas sabem para os alunos, porque se o aluno tem interesse, ela vai ter o interesse de ensinar. Mas é que nem assim, eu vou tirar por mim que sou mãe, vem cá F. vamos estudar isso? aí ela olhar assim pra mim... Você entendeu F.?, F. você entendeu? Ah, você quer aprender, aprende, não quer aprender, ó se vira, as vezes dá nervoso(...)

“Tudo em geral, é na escola, a professora fala, a mãe num olhou (...)”

Colocando a “culpa” no individuo, perde-se o contexto, o processo em que as pessoas estão inseridas, possibilitando um visão superficial e parcial dos fatos.

**Relação com a escola.** Diz respeito a alguns tipos de relação que ocorrem dos pais e filhos com a escola. Muitas delas reproduzem tipos de relações coercitivas do mundo em que vivem.

### **Dos pais:**

#### Através do discurso do filho

“minha mãe que fala, mas você tem q ouvir seu filho também, ver o q ta acontecendo Também, né”

#### Ameaça

“eles ameaçam assim: eles só querem saber, eu vou lá... ela tentou me expulsar,(...) falar com o conselho tutelar (...) eles num querem saber nada, falei, vou atrás, porque ó, eu to indo atrás, eu vou sempre na escola”

“Com os pais é a mesma coisa, se você bater hoje em dia né (...)Eles vem e é só acionar o conselho tutelar”

#### Constrangimento

“é um constrangimento absurdo nas escolas aí, né, e muitas vezes a gente leva aquilo pra casa, e a gente acaba levando aquilo pra casa, é como a gente tava comentando, a gente absorve tanto aquilo”

“mas aí que tá, como eu vou em reunião eu vejo, os professores não tem amor como tinha na gente, se ele vê que você tinha um problema ele tentava te ajudar, hoje em dia não”

As relações de poder desigual são utilizadas pela escola, na percepção dos pais, que os ameaça e os desrespeita. Os colocando como “menores” na educação dos filhos. Este tipo de relação, esta maneira de lidar é então apropriada pelos pais que reproduzem este discurso da escola.

### **Dos filhos:**

“ele tá dando muito problema na escola, então assim, ele chega da escola e fala que não quer estudar, que ele não vai fazer lição e pronto. Aí a professora senta com ele pra fazer a lição, ele pega e fica chutando carteira e fala que não vai fazer, e cruza os braços e pronto.

“a diretora tá fazendo um esforço pra vim ajudar aqui dentro, ela compareceu, L., não fica chateada comigo, só não consigo fazer isso, porque eu to tentando melhorar aqui, só que tá

difícil, todas professora, ninguém, vai ajudar em nada! Ela falou mãe: se eu for fazer essa formatura, eu vou comprar rosa, eu vou ter que ir atrás do pessoal, eu vou ter que montar a mesa sozinha, porque as outras, professoras nem a diretora, não tão nem aí comigo, falei pra ela: quem já pagou devolve o dinheiro, e a gente não faz porra nenhuma. Isso é papel da direção da escola se a diretora fosse uma pessoa legal mesmo pra ajudar elas, não, tem criança que não tem condições de ir pro sítio, quem quer ir pro sítio vai, quem não tem, vamos fazer mesmo por aqui, ela falou não tem uma professora, nenhuma quer ajudar, ela falou que se sair vai ser por milagre”

Parece que não há muita parceria professor-aluno, direção-aluno na resolução de alguns problemas. Isso se deve a um olhar ainda vertical para estas relações que os distancia.

**Intervenções na escola:** Dizem respeito a tentativas, muitas vezes frustradas, de se fazer alterações na escola. A maioria delas parte das mães, que, apesar da pouca reverberação de suas ações, tentam mudanças. Apesar disso, há uma tolerância à falta de soluções dos problemas e às coisas abusivas que ocorrem.

#### Articulação dos pais:

“Agora, muda tudo a gente, não.pode, tipo assim, eu me ofereci pra ajudar lá na escola, elas falaram que eram muitas crianças e tal, as crianças né, eu me ofereci, não precisa pagar muito, mas eu fico, não mas precisa fazer um curso pra entrar aqui, as tias que estão ali, são umas puta de umas ignorante não tem nem estudo direito, eu fui lá essa semana, tive que ir lá levar um negocio lá, da L., Disse-: que que foi? Eu falei não eu vim falar com a diretora, vim falar com a L.E a bedel, lá perguntou: L., é a sua mãe? É a minha mãe, nossa, minha mãe é assim mesmo, não trata bem quem não trata ela bem”

“Esse colégio é assim, e tem como mudar, poderia mudar e eu já tentei mudar esse colégio, com polícia, e ninguém dá força. Quanto mais ela puder tirar você, melhor pra elas.

“eu to falando que eu cheguei na diretoria, e falei: eu faço o abaixo-assinado, o prédio concordou comigo todos os morador, se você quiser a gente assina, pra ter policial aí na frente, quando eu liguei, aí o policial, falou pra mim, não, a senhora vai ter que ir na escola, falar com a diretora pra junto com a senhora, assinar um papel pra fazer o pedido, quando cheguei como papel, todo mundo deu pra trás, aí falei: sabe qual é a real? Vocês gosta mesmo é as criança fumar aqui dentro, pode chamar a polícia, mas vou falar a verdade, vocês gosta mesmo é de criança se matando dentro da sala, como acontece”

“porque assim, o meu filho estudava na X. já tem uns dois anos que eu vim de lá, e aí lá as criança com deficiência era muito mal tratada dentro daquela escola (...) é, então, mas a primeira vez que maltratou meu filho aí eu disse não, né, e convidei os pais q os filhos tinham problemas, anotei o nome de todo mundo e nós fomos lá e pronto, conseguimos uma sala....porque tinha q tá todo mundo junto, né, só que era tanta coisa, tanta discriminação que nós queríamos uma sala só pra eles, e respeito aí fizemos a reunião com os pais e nossa, aquela escola ficou uma maravilha”

“eu já resolvi que fui ate a delegacia do ensino, agora eu resolvi.”

Os pais se mostram bem articulados e ativos em relação a educação de seus filhos, propondo diversas soluções aos problemas encontrados no cotidiano da escola. Eventualmente, os pais conseguem grandes mudanças, mas na maioria das vezes não há muita aceitação da escola a intervenção dos pais. O que os leva, muitas vezes, a procurarem instâncias maiores como a polícia e a delegacia de ensino.

#### Cobrança da participação da escola

“a minha parte eu to fazendo, só que vocês nunca foram lá pra saber o que vocês devem fazer, qual é o papel da escola pra ajudar esse aluno, porque não adianta vocês mandarem outro aluno pra lá, e falar o problema é do pai, é da psicóloga e vocês não tem participação, qual é a participação da escola, gente?”

Há um questionamento sobre a participação da escola nos encaminhamentos sugeridos. Parece que há um descontentamento com encaminhamentos, pois é visto como uma maneira da escola se livrar de um problema, não se responsabilizando.

#### Checar funcionamento

“eu to sempre lá conversando pra saber o que tá acontecendo, quais problemas do meu filho que eu quero saber.”

Os pais querem se certificar do que acontece na escola.

**Práticas sugeridas pelos pais:** São pautas que revelam um olhar mais democrático, e pedem a participação mais próxima e o acompanhamento dos encaminhamentos pela escola.

“a minha parte eu to fazendo, só que vocês nunca foram lá pra saber o que vocês devem fazer, qual é o papel da escola pra ajudar esse aluno, porque não adianta vocês mandarem outro aluno pra lá, e falar o problema é do pai, é da psicóloga e vocês não tem participação, qual é a participação da escola, gente?”

“Num adianta eu saber como tratar eles, igual tem também a parte dela, a gente ta envolvido no tratamento e a escola num vai lá nem quer saber o que que tá acontecendo, tinha que ir uma vez por mês, o pai tinha que ir toda semana, a a criança tinha que ir toda semana , e eles tinham que escolher assim, ó, um funcionário pra ir lá participar das reunião, com as médica, com os psicólogos, eu cobrei isso dela, aí eu falei: eu vou fazer novamente, vocês querem que eu vou, vou, só num vou pedir pra psicóloga falar que vocês realmente tem algum problema, que o problema , eu to achando que é de vocês, vocês num sabem o que fazer então passa pra outra pessoa”

Aqui aparece um olhar mais critico sobre a escola, que recebe responsabilização sobre os problemas dos alunos. Há um olhar mais processual, contextualizado, a caminho de uma educação integral dos filhos. Em que família e escola são parceiras.

**Infraestrutura:** Há uma falta de condições materiais, que se expressa no espaço físico, no material e na alimentação oferecida nas escolas. Isto revela uma falta de cuidado, um não olhar, que dificultam mais ainda uma boa relação com a escola.

#### Espaço físico

“fiz o 3º ano do colegial, a minha sala alagava, que tinha goteiras. (...) meu a gente fez de tudo, a gente, vai pra televisão, a gente tentou, mas não consegue, a gente reclamava lá embaixo, não tinha como estudar, e como fica do lado da mata entrava um monte de bicho, aí tinha, barata, tinha rato, tinha capivara, a gente ficou mais de três meses nessa época que chovia sem ter aula, aí o que eles começaram a fazer, começaram a revezar, cada dia faz numa sala, lá de cima pra gente ter aula, aí teve que começar com este revezamento, porque não tinha dinheiro pra arrumar a sala, a gente mandava carta, terrível”

“Eles deve pegar alguém por fora, não é possível, porque a escola, falam que recebe tanto do governo e eu nunca vi nada da escola, nada de mudanças, ou melhoras”

“todo ano é a mesma coisa, você só vê pintada, todo ano eles pintam, mas a tinta não é tão cara assim, gente, (...) e fede a escola”

As condições precárias da escola são questionadas pelos pais, que não vem muitas possibilidades de ação, que tenham reverberação, para melhorarem esta situação.

#### Alimentação

“alimentação, tem que ter alimentação, tem gente que não come em casa, vai ter que, vai comer na escola a comida é horrível (...) nunca comi na escola de tão ruim, só o cheiro... já fica com ânsia de sentir o cheiro.”

“a minha mãe trabalhava na escola, mas só que ela ia na igreja assim né, aí...lavava tudo e temperava de novo e mudava o gosto.(...) e as crianças comiam, o que vinha da escola mesmo tinha doação, eu mesma comia ali, eu comia, ficava bom”.

Outro problema é a alimentação. Para ser consumida, precisa ser “lavada” e retemperada para o consumo dos alunos. Mostrando uma certa despreocupação do governo com a qualidade e a eficiência de se colocar este tipo de alimentação na escola. Isso é percebido pelas mães como mais um descaso dos serviços públicos.

#### Avaliação do grupo

**Andamento do grupo:** Foram observadas alguns tipos de fala, durante o andamento do grupo que nos sugeriam uma aproximação crescente e trocas cada vez mais freqüentes entre as participantes.

#### concordar:

“É, ele é muito bom de coração, ele num é ruim, ele não é ruim.; Isso mesmo!”

### completar a fala da outra pessoa

“(...)Se não eles seriam uns bobões, né?”

### Dar sugestão ou conselho

“É legal, porque você vai saber realmente o que tá pegando. Porque tem tanta coisa que as vezes você faz, eles não gostam e você nem percebe. Pergunta: O que eu sou pra vocês? Como vocês me vem hoje?”

-Legal, vou tentar.”

### Fazer referência a falas de encontros anteriores (ditas por participantes).

“A experiência que às vezes você passa, que a gente tava falando esses dias, né, que a gente tava conversando, a gente falou que a história de uma pessoa que ela ensina pra outra, a história com o pai dela, com a mãe, acaba que com cada história, contar a história mesmo, ela vai tá ensinando ele, ajudando você com seu exemplo.”

### Fazer referência a encontros no bairro.

“Te vi subindo a rua da Igreja ontem, mas você tava de costas”

### Propor um fechamento de grupo diferente.

“o que você acha da gente fazer assim, cada um traz um negocinho, uma comida pra nosso último encontro semana que vem?”

E o que você acha de trazer nossas crianças?”

As subcategorias aqui apresentadas mostram um tipo de interação democrática, que se fez possível e presente durante todo o andamento do grupo. Isso demonstra que as mulheres são capazes (apesar de não perceberem) de estabelecer vínculos e relações sem a presença da reprodução da violência, presente em muitos âmbitos de suas vidas.

### **Avaliação do grupo.** O que as participantes falaram do grupo, o feedback.

“dia 18 de setembro, dia 19, tem o grupo, aí eu falei: tina, vai ter que ser, no dia do aniversário, porque eu não posso faltar, é o último dia do negócio do I., aí o João falou vamos fazer na sexta mesmo! (...) eu falei: só falto se eu tiver muito ruim mesmo. É assim né, aí o J. falou assim: fala pra ela, vamos fazer o churrasco na sexta”

“assim, acho que do jeito que tá, tá legal, tá sendo gostoso! Pelo menos da minha parte tá sendo bem produtivo!”

“que foi bom ter recebido bastante informação, que lá em casa a gente fala que tem várias crianças passando por situação parecidas. Tem até crianças piores (risos)”

“É, dá pra dividir as experiências”

“Aprendemos a não sair batendo, reclamar, conversar mais com as crianças né, negociar.”  
Eu amei o grupo.

Todas as participantes disseram terem gostado do grupo, por diversos motivos, que devem ser levados em consideração para se planejarem futuras intervenções com estas mulheres. 1. ser um ambiente gostoso 2. Ser produtivo. 3. poder dividir

experiências; 4. Aprender uma maneira mais adequada de lidar com os filhos. A construção de um ambiente dialógico, de acordo com os pressupostos de Paulo Freire (2005) permite uma relação mais igualitária entre as participantes do grupo. Que se refletem em um ambiente agradável, em que é possível trocar experiências e se sentir produtiva. Pois, é um ambiente ativo, em que todas participam com suas experiências. E com esta troca é possível observar, refletir e selecionar novas práticas que podem ser mais efetivas.

### **Sugestões**

“então assim, só uma idéia, uma pessoa desses lugares ao qual vocês encaminham, né, acho que seria fundamental, se houvesse esse convite, essa pessoa, estar entre nós aqui, e estar passando orientações, entendeu (...) tipo palestra”

“o que você acha da gente fazer assim, cada um traz um negocinho, uma comida pra nosso último encontro semana que vem?”

E o que você acha de trazer nossas crianças?”

Este grupo, sendo dialógico, proporcionou um ambiente que era passível de mudanças, ele foi construído pelas demandas das mães e para as demandas das mães, podendo, assim, ser alterado por elas. A partir desse pedido de profissionais da área, foi chamado o assistente social do projeto, para ter uma conversa sobre o ECA, desmistificando-o e informando sobre o funcionamento dos conselhos tutelares. Para isso, foi distribuído um exemplar do estatuto para as mães, incentivando a ter contato direto com o documento e a usá-lo.

O andamento do grupo mostrou ser possível outro tipo de interação entre as participantes, diferente das normalmente utilizadas na resolução de conflitos com os filhos. De maneira geral, observou-se que a educação familiar e escolar está permeada de violências, que perpassam a vida das participantes em diversos âmbitos do cotidiano. Além disso, há um grande conflito entre maneiras tradicionais e democráticas de educar os filhos. A primeira maneira, que aparece nas falas das cuidadoras é fundamentada numa hierarquia rígida de poderes desiguais, concentrados fortemente na figura paterna, materna ou do professor, como quando batem muito nos filhos; quando pedem a eles, uma obediência irrestrita, esvaziando a possibilidade de diálogo; quando requisitam a presença de violência para controlar algumas situações; quando se sentem ameaçados pelo ECA, por entenderem que ele tira o poder dos pais.

A segunda diz respeito a uma maneira de se comportarem com valores mais democráticos e igualitários: quando tentam resolver problemas através de diálogos; quando não aprovam a violência contra os filhos na escola; quando sentem culpa por recorrer a práticas violentas com seus filhos, quando participam ativamente da escola, exigindo melhores condições para seus filhos.

Estas ambivalências tradicional/democrático falam bastante do conflito Autoridade/liberdade, que como foi dito durante a apresentação do resultados, fazem parte tanto da educação familiar quanto da escolar. E fala de um jeito de olhar para as crianças. Principalmente permeados, agora, pelos desdobramentos do ECA que traz um olhar para as crianças como sujeitos de direitos. Protegendo-os contra os abusos da sociedade.

A partir destas categorias será feita uma discussão que tentará abranger elementos de sentido das participantes do grupo.

## DISCUSSÃO

Na apresentação dos resultados, a primeira categoria colocada foi a *Contextualização do mundo/ da realidade*. Ela foi escolhida, pois traz os principais significados que perpassam a realidade das famílias participantes do grupo. Dizem respeito ao cotidiano compartilhado, ao coletivo, mas que é experienciado e sentido individualmente.

Em todos os relatos o principal aspecto que permeia as relações é a violência. Esta violência se manifesta primeiramente, pelas condições de acesso restrito a serviços básicos, como saúde, educação e moradia. A Vila Brasilândia é um local que carece de serviços públicos que deveriam atender esta população de baixa renda. Ou seja, há uma situação em que existem muitas violações de direitos, de cerceamento e desamparo de condições básicas diariamente. Podemos dizer, que a partir daí, inicia-se uma condição de vulnerabilidade social. Essa, diz respeito a uma desestruturação, pelo deficitário apoio, tanto de condições materiais, que vem por causa do baixo poder de acesso, ligado principalmente ao poder aquisitivo, mas também que se refletem em questões subjetivas, que são construídas dialeticamente. (Gomes & Pereira, 2005)

Outro ponto importante para compreendermos os elementos de sentido deste grupo é a contextualização histórica deste século XXI. A contemporaneidade traz como valores importantes: o individualismo, a liberdade, a igualdade e a felicidade (Caro, 2010). Estes dizem respeito a valores de ideal, que aparecem nas falas das mães quando falam de uma família sonhada. Falam em ter mais tempo para cuidarem de si, mais autonomia e liberdade para seus filhos, igualdade na divisão de tarefas e responsabilidades e a felicidade como resultante de todos estes processos.

Percebendo esses valores como ideais, há uma imensa frustração das cuidadoras, que se vêem diante de um abismo que separa o sonhado e o vivido, pois são tomadas pela desigualdade, em seus diversos ambientes, tanto econômico, como de discriminações, raciais e de gênero; como, ainda, quanto ao não reconhecimento de suas atribuições como igualmente importantes na divisão de tarefas da casa.

Existe aí uma grande dicotomia entre a realidade vivida e a realidade sonhada. As mães ao mesmo tempo tentam ser flexíveis e democráticas com seus filhos (baseadas na utopia contemporânea), mas recorrem rapidamente a práticas de

condução de conflitos tradicionais e autoritárias (como foram criadas e como a sociedade ao seu redor costuma lidar).

Podemos dizer que esta variação de maneiras de compreender a família alimenta ainda mais as frustrações, que se criam e são criadas com a dificuldade de lidar com o que se pensa idealmente e o que se faz. Há aí uma dicotomização de práticas e ideais. Szymanski (2003) se aprofunda nesses pontos, incluindo-os como essenciais a serem abordados no trabalho com a família. Ela as chama de “A família que se pensa e a família que se vive” (Szymanski, 2003, p. 19). A família pensada é a ideal, a tida como boa e desejável, diferente da vivida, normalmente tida como insatisfatória e ruim. Olha-se então, para esta família de maneira acrítica, descontextualizada das possibilidades reais de existência.

O olhar para as práticas educacionais aparece de maneiras ambíguas e contraditórias, pois, ora prevalecem práticas democráticas e igualitárias, mais parecidas com o ideal de família, ora prevalecem práticas autoritárias e desiguais. Estas práticas mais tradicionais e autoritárias, por vezes são aceitas e utilizadas com consenso pelos membros da comunidade, mas ao mesmo tempo são rejeitadas e discriminadas, por esta visão mais democrática e igualitária de olhar para criança e adolescente. Além disso, estas práticas tradicionais vão parando de funcionar, pois não se adequam mais a nova visão de sociedade em que as crianças se inserem (pautadas pelo estatuto da criança e do adolescente). Colocando quem as utiliza em um lugar que começa a ser mal visto (dentro do novo ideal de educação democrática e utópica das mães). Fica, então, aqui explicitada uma dicotomia: o que se vive e o que se idealiza.

Esta contradição produz outro elemento de sentido: a relação de opostos autoridade/liberdade. Esse, diz respeito a não ter segurança de que postura deve-se tomar com os filhos. Ora assumem posturas tradicionais, ora democráticas. Esta insegurança é simbolizada no olhar sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é visto como algo que tira o poder das principais autoridades educacionais: os pais e os professores. As cuidadoras do grupo consideram que devem ter direitos sobre seus filhos, apesar de reconhecer que às vezes passam do limite, batendo demais, ou usando de práticas não democráticas. Muitas vezes, no grupo, houve tentativas de diferenciar um tapa de uma agressão física, exemplificando, com suas histórias, que houve uma grande diferença entre as agressões recebidas por elas, de seus pais, e os tapas que hoje utilizam.

É verdade, parece ter uma grande diferença, pois estamos hoje, em outra década, e novos valores começam a orientar a visão sobre as práticas educacionais, e mais amplamente às crianças e adolescentes. Esse novo orientador é sistematizado no ECA, que vê a criança e o adolescente como sujeitos de direito, legitimando uma postura democrática e dialógica de relacionamento e de promoção de cuidados e proteção integral, responsabilizando não só os pais por isso, mas também a comunidade e o poder público. Entretanto, a maneira como é trazida esta informação aos pais, não é democrática como o ECA se propõe a ser, pois é contraditoriamente trazido por meio de ameaça pela escola, ou pelos próprios filhos, que reproduzem a fala da escola.

Fica, então, o questionamento dos pais de onde estão os deveres dos filhos. Pois, para eles, o ECA os desautoriza, dando “privilégios” para as crianças, sendo este, então, um rival da família no cuidado das crianças. Por isso, sentem-se ameaçados e acuados. Este jeito como chegam às informações aos pais e como eles as compreendem, diz respeito novamente a um tipo de relação comum a esta comunidade, o de relações de poder hierarquizados e desiguais. Talvez, este motivo, os pais reajam com sentimentos negativos em relação às crianças que usam esta proteção do ECA, pois elas iriam contra esta estrutura tão cristalizada de poder.

A própria, polícia, que deveria ter o papel de cumprir a lei, logo o ECA, tem dificuldade de assumir esta postura mais democrática, dando muitas vezes legitimidade aos pais que batem em seus filhos, pois também entendem o mundo através de estruturas de poder hierarquizados e desiguais.

E é neste contexto que se dão os elementos de sentido da educação familiar e escolar, todos carregam estas ambigüidades no olhar e na compreensão a realidade. Educar aparece discriminado de ensinar, a segunda é entendida como função da escola, já a primeira é função da família. Essa esta mais relacionada a valores e maneiras de se comportar, como se a criança tivesse um mesmo padrão de comportamento em todos os ambientes, independentemente do que o ambiente oferece. Esse pensamento parece não ser apenas da escola, mas da família também que deixa seus filhos na escola, para se livrarem de um problema. Como se a responsabilidade pelos comportamentos inadequados (parte do problema), não fosse muitas vezes, reflexo, de práticas familiares extremas e ambivalentes.

Algumas das práticas na escola e na família aparecem de maneira muito parecidas, como ameaçar, punir, proibir. É muito interessante notar que a família vê a

escola com diferente possibilidade de autoridade sobre seus filhos, pois não permite que utilize práticas punitivas. Diferentemente do âmbito da educação familiar, em que a própria família é permitida a usar tais práticas. Instala-se aí uma contradição de aceitação de certas práticas. Parece que com o distanciamento do olhar é possível observar os efeitos colaterais de tais práticas, que ensinam as crianças, indiretamente, a se utilizarem de formas coercitivas em suas relações.

Olhando historicamente, há de se perceber que as mães reproduzem muitas das práticas que aprenderam em suas infâncias. E, muitas vezes, agem para controlar a violência que lhes é imposta no cotidiano, mas de uma forma que termina por colaborar para que esta cresça.

Essa reprodução, entretanto, se dá em um contexto que começa a apontar novas maneiras de olhar para a criança e o adolescente (explicitadas no ECA). Isso, introduz uma nova possibilidade de se relacionar com seus filhos: como quando conversam, quando se preocupam com os filhos, quando discordam de punições na escola. Este representa um ideal de educação trazido por Freire(2009), que pretende instaurar relações mais igualitárias e democráticas. Todavia, expressando as contradições aí presentes, esta maneira oscila, ora naturalizando as relações violentas, ora refletindo sobre seus efeitos colaterais.

Este trabalho tentou trazer uma reflexão sobre as práticas educacionais, contextualizando-as em um momento histórico e na nova maneira de olhar para a criança e adolescente. Pode-se notar que existe grande interesse por parte das mães que participaram do grupo em achar soluções para a maneira com que se relacionam com seus filhos, tendo em vista a participação ativa no grupo, e a angústia e culpa gerada por esse tipo de interação. Mas há ainda uma grande dificuldade das mães em aceitar este novo olhar e acredita-se aqui que muito, dessa dificuldade vem da ausência de repertório de vivências democráticas e igualitárias em seu cotidiano.

Sabendo que o homem se constitui sócio, histórico e culturalmente, é possível dizer que o grupo serviu de modelo para uma prática idealizada por Freire (2009), mais democrática e igualitária, abrindo espaço, para reflexão crítica das práticas utilizadas pelos pais e pelos professores, na educação das crianças, podendo assim, rever o que está na base dos elementos de sentido das famílias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendeu-se pelo trabalho com o grupo, que há um desamparo sentido pelas mães e outras cuidadoras, por não saberem ao certo o que deve conduzir suas práticas (tanto relacionada a seus filhos, quanto à escola, como com seus maridos), pois ora assumem posturas autoritárias (na maioria das vezes), ora assumem posturas democráticas.

Observa-se que, na realidade dessas mulheres, não há locais em que há um convívio em que predomine relações de respeito, não violentas. A tentativa de apreender elementos de sentido presentes nas elaborações deste grupo foi de, primeiramente, compreender como estas mães se colocam e percebem a educação dos filhos, para posteriormente, a partir deste estudo se pensar em condições de melhorar as relações de ensino/aprendizado que cercam a vida das crianças e adolescentes dessa região.

Acredito que alguns encaminhamentos podem ser tirados desta pesquisa, possibilitando novas pesquisas e intervenções:

1. É necessário criar nesta comunidade espaços que não reproduzam este padrão de violência predominante. Espaços que possam ensinar e ser modelo para relações mais democráticas.
2. É necessário, a partir do olhar sobre os elementos de sentido produzidos pelas mães, promover uma conscientização, através dos conselhos tutelares, da percepção das mães sobre o ECA, tentando garantir melhores esclarecimentos sobre os direitos que o Estatuto quer passar .
3. É necessário um olhar para escola e repensar suas práticas. Ela também é reprodutora de violências e descuidados. Cuidar deste espaço possibilitará que os alunos aprendam outros tipos possíveis de relações de aprendizado/ensino. Como Freire (2009) esclarece, é necessária uma prática coerente ao discurso que se quer ensinar. Ou seja, a escola precisaria ter mais claro quais são seus objetivos para conseguir passá-los para as crianças. Será que o objetivo da escola (do ensino

fundamental ao médio) é mesmo, como percebem as mães ensinar a ler e escrever e fazer contas básicas? O que mais a escola pode oferecer?

Outra relação que deve ser pensada, juntamente a escola, é de como ela se apropria do ECA. Pois, esse, não é apenas um estatuto para controlar as práticas dos pais. Ele deve regulamentar todos os ambientes nos quais estão presentes crianças e adolescentes. A melhor apropriação do olhar do ECA para as crianças, poderia fazer a escola, assim como as famílias fizeram no grupo, repensar suas práticas. Para que elas fiquem cada vez mais coerente com o ECA.

Regulamentando um olhar mais democrático e igualitário sobre as crianças, é possível pensar em relações mais democráticas e igualitárias para os principais interessados na educação das crianças: os pais e a escola. Pode-se observar no relato das cuidadoras do grupo, muitas tentativas de aproximação e intervenção na escola, mas que muitas vezes foram interrompidas por falta de condições para se fazer este diálogo.

Se os pais acessarem o ECA a partir da escola, que agora, entende e se apropriou adequadamente desse, esta passagem se fará de maneira mais democrática, como prevê o próprio Estatuto.

Analisando o funcionamento do grupo, que pretendeu ser democrático e dialógico, foi possível observar que se consegue mudar o olhar sobre as práticas e estabelecer relações sem serem violentas. As mães, ali presentes, em nenhum momento utilizaram-se de maneiras agressivas ou desrespeitosa com o grupo. Por isso, deve-se cultivar este tipo de interação para servir de modelo para produzirmos um novo tipo de olhar sobre a educação, sobre a família e sobre a realidade. Esta observação nos permite concluir, que como o homem é sócio-historicamente determinado, mudando alguns elementos, construindo espaços na sua trajetória é possível, alterá-lo, tanto externamente, no convívio desta outra realidade (os significados, compartilhados), como dialeticamente, subjetivamente (sentidos, individualmente). Isto, como diz Freire (2005), será construído na possibilidade de criar espaços de convívio dialógico, possibilitando a que se desconstrua experiências não dialógicas, ensinando outras maneiras de se relacionar. Podendo assim, "...descobrir novos valores, como o diálogo e a comunicação e suas ressonâncias, as quais, na experiência de educar filhos, se constituem como um aspecto importante a ser considerado realçado nas considerações sobre a dimensão afetiva.". (Santos, 2006, p. 212). Portanto, é possível a

construção de significados e sentido diferentes na vida destas cuidadoras. Tendo em vista que eles são construídos, mediados pelas experiências internas/externas e individuais/coletivas.

Por isso, a união da psicologia sócio-histórica com Paulo Freire, resulta em um olhar que traz uma possibilidade de reflexão e mudança da realidade que se constrói e é construída. Coloca-se o sujeito como ativo e construtor da possibilidade de mudança. E este é o trabalho, que a psicologia deseja realizar: o de abrir espaços para mudanças. Como se tentou fazer nesta presente pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. M. J. et al. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B.; GOLÇALVES, M. da Graça M. (orgs.) *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009, p. 54-69.

AGUIAR, W. M. J. & OZELLA, S.. Núcleos de Significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, n° 26 vol. 2, p. 222-245, 2006.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal n° 8.069/90. Ministério da Justiça, Brasília, DF. 1990.

BOCK, A. M. B.; GOLÇALVES, M. da Graça M., Indivíduo e sociedade: Uma relação importante na psicologia social. In: BOCK, A. B. (org.). *A perspectiva sócio-histórica na formação da psicologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

.

\_\_\_\_\_. Subjetividade: O sujeito e a Dimensão Subjetiva dos Fatos. In: GONZÁLES REY, F. L. (org.) *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira-Thompson, p. 109-125, 2005.

BRANDÃO, S. e COSTA, L. *Abordagem clínica no contexto comunitário: Uma perspectiva integradora*. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, vol. 17, n.2 May/Aug, 2005.

CARO, D. M. *Impasses psicológicos do individualismo contemporâneo*. Monografia (Iniciação Científica), Curso de psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

GASONATO, M. R. C. DM, *O sentido das expectativas das famílias em relação á escola para a formação de seus filhos*. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

GOMES, M. A. & PEREIRA, M. L. D. *Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de política pública*. *Ciência e Saúde coletiva*, [s.l.] vol. 10, n.2, p. 357-363, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 35° Ed. 2005.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 39° Ed., 2009.

LOMAR, T. P., *O diálogo na prática docente: A compreensão de professoras de uma escola pública do município de São Paulo*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

LUIZI, L. V. V., D.M, “*terapia comunitária: bases teóricas e resultados práticos de sua aplicação*”. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

SANTOS, J. L. “*transformando*” ~ “*Nós*” em “*laços*”: *Um estudo compreensivo dos valores parentais nas praticas educacionais em famílias de baixa renda*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

SZYMANSKI, H. *A família como locus educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional*. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 81, n. 197, p. 14-25, jan./abr, 2000.

\_\_\_\_\_. *A relação família/escola: desafios e perpectivas*. Brasília: Plano Editora, 2003.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACOSTA, A.R., VITALE, M.A.F.(orgs) *Família: Redes, laços e Políticas Públicas*. São Paulo: Editora Cortez, 4º Ed, 2008.

CARVALHO, M. E. P. *Uma difícil e necessária parceria mediada pelo polêmico dever de casa*. Cadernos CENPEC, São Paulo, nº6, p. 93- 107, 2009.

GARRAFA, T. C. e LOMONACO, B. P. *A complexidade da relação escola-família em territórios vulneráveis*. Cadernos CENPEC, São Paulo, nº6, p. 27-38, 2009.

MAURÍCIO, L. V. *Participação dos pais na escola: a representação dos professores*. Cadernos CENPEC, São Paulo, nº6, p. 59- 69, 2009

RESENDE, T. F. *“Coragem para a luta”: desafios e potencialidades da relação escola-família*. Cadernos CENPEC, São Paulo, nº6, p. 75-85, 2009

SIDMAN, M. *Coerção e suas implicações*. São Paulo: Livro Pleno, 2009.

SILVA, M. L. S. *Relação escola-família: possibilidades de aproximação em situação de dificuldades de aprendizagem dos alunos*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

SZYMANSKI, H. *Trabalhando com famílias*. Caderno de Ação nº1. Instituto de Estudos Especiais Pontifícia Universidade Católica e Centro Brasileiro para infância e adolescência, Ministério da Ação Social, 1992.

## ANEXOS

**Anexo 1**

**TERMO DE CONSENTIMENTO**



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar do grupo de pais, que servirá de base na pesquisa de campo referente ao projeto com a temática “Relações família-escola”, desenvolvido pelo curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fui informado, ainda, que a pesquisa é realizada pela aluna Camila Zorzan Horta e Silva e orientada pela Profa. Maria da Graça Marchina Gonçalves, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 3670-8320.

Afirmo que aceitei participar por minha vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro. Fui informado dos objetivos do estudo, que, em linhas gerais é compreender as relações entre a família e a escola, possibilitando reflexões sobre o tema entre as famílias que têm seus filhos na escola. Fui também esclarecido de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio da participação no grupo que poderá ser gravado e/ou registrado por um participante observador.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado, poderei contatar o pesquisador responsável ou seu orientador, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP.

A pesquisadora principal do estudo me ofereceu uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fui ainda informado de que posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

São  
Paulo, \_\_\_\_\_

Assinatura da  
participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da aluna  
pesquisadora \_\_\_\_\_

Assinatura da  
orientadora \_\_\_\_\_

## Anexo 2

### ESQUEMA DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS FALAS DO GRUPO



## **Contextualização do mundo/ da realidade.**

Violência - em vários ambientes

- presença do tráfico e drogas

Acesso a serviços públicos

Espaço físico

Papel da mulher - relação com filhos

- relação com maridos
- inserção no mercado de trabalho
- sobrecarga de funções

Direito das Crianças (olhar sobre o ECA)

## **Educação Familiar**

Concepção de educação

Concepção de família

Práticas usadas: - Proibir

- Bater
- Ameaçar
- Ser firme
- Ser cuidadoso
- Conversar
- Diferença entre gerações

Autoridade x Liberdade

Sentimentos das cuidadoras mulheres – não reconhecer

- impotência
- sobrecarga

Dividindo a responsabilidade

O Lugar do filho:

- problema
- companheiro

- não desejado
- Desejado

Crenças: - personalidade

- motivação dos filhos.
- diferenças de genero

Sexualidade

Configuração de famílias

### **Educação Escolar**

Concepção de educação

Práticas utilizadas na escola

- Adequadas (para os pais):
  - voz ativa do aluno
  - acesso a deficientes
  - colocar para fora
  - ser autoritário
  - lição de casa
  - Valorizar o aluno
- Inadequadas (para os pais) :
  - resumo
  - ameaçar
  - gritar
  - não repetir
  - expor o filho
  - suspensão
  - castigo físico
  - passar trabalho
  - ser sem paciência
  - não resolver o problema, encaminhar

Avaliação do desempenho da escola

- escola particular x pública
- nível dos exercícios
- critérios para o aprender

Segurança

Autoridade x liberdade

Culpabilização da família ou da criança

Relação com a escola – dos pais: . Através do discurso do filho  
. Ameaça  
. Constrangimento

- dos filhos:

Intervenções na escola – articulação dos pais

- Cobrança da participação da escola
- Checar funcionamento

Práticas sugeridas pelos pais – participação mais próxima

- acompanhamento dos encaminhamentos

Infraestrutura

- espaço físico
- alimentação

### **Avaliação da intervenção**

Andamento do grupo

- concordar
- completar a fala da outra participante
- dar sugestão ou conselhos
- fazer referências a falas de outros encontros
- fazer referência a encontros no bairro
- propor um fechamento do grupo diferente

Função do grupo

Sugestões